



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

**Martha de Lima Silva Gregório**

**O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

CAMPINA GRANDE – PB

2015

**MARTHA DE LIMA SILVA GREGÓRIO**

**O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Letras –  
Língua Portuguesa – da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE – PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

G821g Gregório, Martha de Lima Silva.  
O gênero artigo de opinião e o ensino contemporâneo de língua portuguesa : uma proposta didática / Martha de Lima Silva Gregório. – Campina Grande, 2015.  
63 f.: il. color.

Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Prof. Ms. Manassés Morais Xavier".  
Referências.

1. Linguística. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Gêneros Textuais.  
5. Planejamento Didático. I. Xavier, Manassés Morais. II. Título.

CDU 81'33(043)

MARTHA DE LIMA SILVA GREGÓRIO

O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO  
DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA

Monografia apresentada ao Curso de Letras –  
Língua Portuguesa – da Universidade Federal de  
Campina Grande, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciatura em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Manassés Morais Xavier NOTA: 75  
Prof. Ms. Manassés Morais Xavier (UAL/UFCG)  
Orientador

Luciene Maria Patriota NOTA: 75  
Prof. Dra. Luciene Maria Patriota (UAL/UFCG)  
Examinadora

Monografia aprovada em: 17 de março de 2015

Média: 75

Dedico este trabalho a Deus, o criador de todas as coisas, o único que é digno de receber toda honra, glória e louvor. Ao Seu Filho Jesus Cristo, autor e consumador da minha fé, meu Senhor e Salvador, e ao Espírito Santo, o meu amigo, que habita dentro de mim, me auxilia em tudo que preciso e me capacita em todas as coisas.

Ao meu esposo e a toda minha família, em especial aos meus pais, Humberto e Joana D'Arc, e ao meu irmão, Heitor, por nunca mediram esforços para me ajudarem. Minha mãe foi minha maior incentivadora para a conclusão desse trabalho.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus que me capacitou e me fez chegar até aqui. Ele é o maior responsável por essa conquista. Ele me fortaleceu durante toda a minha jornada universitária e continua me abençoando em todos os momentos da minha vida. Jesus Cristo é o maior mestre que alguém pode conhecer.

Agradeço ao meu esposo, Carlos Arthur, pela compreensão, pela cumplicidade e pelo companheirismo. Pessoa que de forma tão especial e carinhosa, me deu força e coragem nos momentos de dificuldade.

Ao meu pai, Humberto, e a minha mãe, Joana D'Arc, por todo amor dedicado a mim, pelos ensinamentos concedidos, pelo orgulho demonstrado pelos meus estudos e por terem sido os maiores incentivadores à conclusão deste curso.

Ao meu irmão, Heitor, por todo apoio e carinho.

As minhas amigas, companheiras de curso e da vida, Talita Kardinally, Flávia Pompeu, Cathia Raquel, Theodora, pela amizade e por compartilharem conhecimentos. Vocês fizeram parte da minha formação e continuam fazendo parte da minha vida.

A banca examinadora deste trabalho, na pessoa da professora Luciene Patriota.

Em especial, a meu orientador, professor Manassés Morais Xavier, pelo acompanhamento crítico ao longo deste trabalho, pela sua paciência, pelo incentivo e força dados ao longo desse tempo. Obrigada por ter acreditado em mim.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada!

Porque dEle e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém.

Romanos 11:36

## RESUMO

Diante da realidade da difusão e propagação dos gêneros textuais, as novas propostas didáticas de ensino de Língua Portuguesa – aquelas vinculadas às práticas sociais de linguagem – passaram a ampliar as formas de trabalhar o texto em sala de aula. Desta maneira, o professor se depara com subsídios de grande importância para trabalhar a relação entre leitura e escrita. E como pensar nessa relação pedagogicamente falando? Como planejar aulas de Língua Portuguesa que tenham como fundamento a natureza sociointeracionista da leitura e da escrita? O presente trabalho parte da seguinte questão-problema: como abordar o artigo de opinião em sala de aula de modo a contribuir com o ensino de Língua Portuguesa mais aproximado de uma concepção sociointeracionista? Para responder esse questionamento temos como objetivo geral apresentar uma proposta didática para turmas do ensino médio com ênfase no estudo discursivo do gênero textual artigo de opinião. No que se refere aos objetivos específicos, elencamos: apresentar subsídios de trabalho em sala de aula eficazes para a prática da leitura e da escrita, dentro de uma perspectiva argumentativa da linguagem, e desenvolver uma abordagem a respeito da temática *Corrupção no Brasil* no contexto escolar. Nos fundamentamos em autores como Antunes (2008), Bakhtin (2010), Oliveira (2010), Koch e Elias (2011; 2010), Reinaldo (2007), Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004), dentre outros, bem como nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa: Ensino Médio (1999) e nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006). Por se tratar de uma proposta didática, do ponto de vista dos resultados, o trabalho contribui com reflexões que fomentam discussões sobre a relação entre gêneros textuais e o contemporâneo ensino de Língua Portuguesa, na perspectiva de formar professores e alunos do ensino médio, cada vez mais, críticos e reflexivos.

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Gêneros Textuais. Artigo de opinião. Planejamento didático.



## ABSTRACT

Faced with the reality of diffusion and spread of genres, new educational proposals of Portuguese Language teaching - those linked to the language of social practices - have been expanding the ways of working the text in the classroom. In this way, the teacher is faced with very important benefits to work the relationship between reading and writing. And how to think this relationship pedagogically speaking? Planning Portuguese classes that have as basis a sociointeractionist nature of reading and writing? This study of the question-problem: how to approach the opinion piece in the classroom in order to contribute to the closest Portuguese Language teaching a sociointeractionist design? To answer this question we have as main objective to present a didactic proposal for high school classes with an emphasis on discursive study of the genre opinion piece. As regards the specific objectives, we list: present work subsidies in effective classroom to the practice of reading and writing, within an argumentative perspective of language, and develop an approach about the issue Corruption in Brazil in the school context . We based on authors such as Antunes (2008), Bakhtin (2010), Oliveira (2010), Koch and Elias (2011; 2010), Reinaldo (2007), Dolz; Noverraz and Schneuwly (2004), among others, as well as in the National Curricular Parameters for Portuguese Language: Secondary (1999) and the Curriculum Guidelines for Secondary Education (2006). Because it is a didactic proposal from the point of view of results, the study contributes to reflections that promote discussions on the relationship between genres and contemporary teaching Portuguese, with a view to forming high school teachers and students, each time more critical and reflective.

**Keywords:** Reading. Writing. Text Genre. Opinion Article. Educational Planning.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I – DAS QUESTÕES TEÓRICAS.....</b>	<b>12</b>
1.1 O ensino de Língua Portuguesa hoje.....	12
1.2 O que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino contemporâneo de Língua Portuguesa no ensino médio? .....	13
1.3 “Aula de português: encontro e interação”: O que diz Irandé Antunes? .....	14
1.4 Um olhar sobre as concepções de leitura.....	17
1.5 Um olhar sobre as concepções de escrita.....	20
1.6 Por que trabalhar com gêneros? .....	22
1.7 O gênero artigo de opinião.....	23
<b>CAPÍTULO II – DAS QUESTÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO III – PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA COM O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO.....</b>	<b>27</b>
3.1 Por que planejar? .....	27
3.2 O trabalho com sequência didática.....	28
3.3 Proposta Didática.....	31
3.4 Refletindo sobre a proposta didática apresentada.....	37
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>41</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>43</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>45</b>
Apêndice 1	
Apêndice 2	
Apêndice 3	
Apêndice 4	
Apêndice 5	
Apêndice 6	
Apêndice 7	
Apêndice 8	

## INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa em sala de aula não deve se restringir, simplesmente, à reprodução de normas gramaticais, pois é sabido que o ato de ensinar uma língua envolve o desenvolvimento de habilidades que possibilitem o aprimoramento da leitura e da escrita. Na atualidade, o que se pode observar é uma atualização no ensino em sala de aula que é possível através da didatização dos gêneros textuais.

No mundo contemporâneo, trabalhar em sala de aula com os gêneros textuais se faz importante na medida em que estes criam possibilidades distintas de ensino-aprendizagem. Para tanto, faz-se necessário compreendermos que todo processo de ensino-aprendizagem da língua consiste, primeiramente, em ensinar-aprender a lidar com textos, produzindo-os, atribuindo-lhes sentidos, observando como estão sendo construídos.

Esses são fatores relevantes para um aprendizado eficaz, pois é lidando com textos, os gêneros, nas respectivas situações de uso, que aprendemos a exercer o papel social de cidadãos letrados. É notório, considerarmos que o ensino em sala de aula é algo que privilegia a construção de conhecimentos entre professores e alunos, que interagem mutuamente uns com os outros trocando conhecimentos e experiências adquiridas.

Diante desta realidade de difusão e propagação dos gêneros textuais, as novas propostas didáticas – aquelas vinculadas às práticas sociais de linguagem – passaram a ampliar as formas de trabalhar o texto em sala de aula. Desta maneira, o professor se depara com subsídios de grande importância para trabalhar com os processos de leitura e de escrita com seus alunos, transformando as aulas em momentos de prazer, de construção do saber.

Nesse contexto, é possível reconhecermos a relevância que a leitura e a escrita assumem em nossas vidas, pois é a partir da leitura que somos capazes de adquirirmos conhecimentos necessários para o processo da escrita. Sendo assim, é através da prática da leitura que estabelecemos uma maior familiaridade com o processo de escrita.

E como pensar nessa relação pedagogicamente falando? Como planejar aulas de Língua Portuguesa que tenham como fundamento a natureza sociointeracionista da leitura e da escrita? Comumente, verificamos que boa parte dos professores sente dificuldades em planejar suas aulas. Nesse sentido, este trabalho visa contribuir com investimentos acadêmicos que auxiliem atividades de planejamento no contexto do trabalho docente, pois partimos do princípio de que uma aula só terá sucesso e será positiva se houver, no âmbito do trabalho do professor, uma ação planejada, uma ação pensada anteriormente ao momento da execução.

Esse planejamento, pensando no ensino contemporâneo de Língua Portuguesa, precisa ser atravessado pela noção de gênero. E é, sob à luz dessa perspectiva, que apresentamos, no contexto do ensino médio, uma proposta de metodologia de trabalho com o gênero artigo de opinião.

Essa pesquisa parte de uma dificuldade pessoal vivenciada durante a minha formação inicial, enquanto aluna da disciplina de Prática de Ensino I e II. Não quero dizer aqui que durante esta experiência não houve planejamento e execução desse tipo de atividade, muito pelo contrário, foi possível sim, desenvolver um trabalho, a nosso ver, significativo, mas é impossível falar dos resultados sem levar em consideração os/as desafios/dificuldades encontrados/as durante esse momento singular da formação inicial.

É extremamente importante pensar em metodologia de ensino de Língua Portuguesa no âmbito da contemporaneidade. Dentro do contexto da formação acadêmica, faz-se necessário, por exemplo, saber o que os Parâmetros Curriculares Nacionais dizem a respeito de metodologias de ensino e o que eles trazem como norte para um bom planejamento.

Mediante estas reflexões, surgiu-nos a seguinte questão-problema: como abordar o artigo de opinião em sala de aula de modo a contribuir com um ensino de Língua Portuguesa mais aproximado de uma concepção sociointeracionista? Partindo desta problemática, o presente trabalho emerge desta perspectiva de pensar o processo de ensino-aprendizagem e seu planejamento inserido nesta conjuntura de articulação entre língua e práticas sociointerativas via gêneros textuais.

Nesses termos, o trabalho tem como objetivo geral apresentar uma proposta didática para turmas do ensino médio com ênfase no estudo discursivo do gênero textual artigo de opinião. No que se refere aos objetivos específicos, elencamos: apresentar subsídios de trabalho em sala de aula eficazes para a prática da leitura e da escrita, dentro de uma perspectiva argumentativa da linguagem; e desenvolver uma abordagem a respeito da temática *Corrupção no Brasil* no contexto escolar.

Justificamos a escolha do gênero em estudo, artigo de opinião, por considerarmos a produtividade de seus aspectos discursivo-argumentativos, o que, hipoteticamente falando, facilitará para os alunos o trabalho com a leitura e o processo de escrita a partir deste gênero. Compreendemos, então, que este gênero funciona como de suma importância na construção de cidadãos críticos, uma vez que este abre espaço para os alunos discutirem sobre determinados temas e esta discussão produz uma construção de opiniões, ideias e argumentos que enriquecem os conhecimentos dos alunos, tornando-os críticos ante a sociedade.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tivemos contribuições teóricas advindas de estudiosos como Antunes (2008), Oliveira (2010), Koch e Elias (2011; 2010), Reinaldo (2007), Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004), dentre outros.

Do ponto de vista da metodologia, enfatizamos que este trabalho vincula-se ao tipo de pesquisa descritiva: posteriormente justificaremos com mais precisão tal vinculação. Do ponto de vista organizacional, esta monografia está dividida em: esta parte introdutória, um capítulo que apresenta a metodologia da pesquisa, um capítulo teórico que serviu de base para o desenvolvimento do estudo e um capítulo teórico-analítico que apresenta a proposta de sequência didática para as aulas de leitura e de escrita a partir do gênero artigo de opinião. O texto ainda contém as considerações finais e as referências, bem como uma seção de apêndices que apresenta o material didático por nós elaborado para subsidiar a proposta didática ora apresentada.

## CAPÍTULO I DAS QUESTÕES TEÓRICAS

### 1.1 O ensino de Língua Portuguesa hoje

O domínio linguístico, especialmente da leitura e da escrita padrão, pelo aluno que conclui o nível médio de ensino tem sido motivo de preocupação para os educadores. O final dessa etapa de estudos remete para o encaminhamento profissional, seja ingressando na universidade ou não. A falta desse domínio tem-se constituído em uma das barreiras que impede melhores conquistas profissionais e sociais para muitas pessoas.

O ensino de Língua Portuguesa baseado exclusivamente na gramática normativa que tenta proporcionar ao aluno o conhecimento das regras da norma culta tem produzido poucos frutos. Isto provoca uma dificuldade linguística que influi também no aprendizado das disciplinas que utilizam a língua materna para construção de conhecimentos, prejudicando todo o processo educacional. O ensino da língua ainda guarda ranços do paradigma tradicional. Em algumas escolas, ele ainda continua centrado no ensino da gramática, totalmente desvinculado de reflexões, descontextualizado, distante das verdadeiras necessidades dos alunos. Essas questões nos mostram que é urgente uma alteração metodológica, de planejamento, no ensino de língua materna, a fim de deixá-lo mais eficiente e atraente.

No entanto, para que se possa apresentar uma proposta eficaz para o ensino, faz-se necessário na prática docente, primeiramente, aprofundar-se no conhecimento da própria língua, entender o que é a língua, o que, de fato, é leitura e escrita, ensino de leitura e de escrita e abraçar a concepção interacionista de linguagem, considerando o sujeito-aluno como um indivíduo que interage com o outro e que atua sobre a sua própria linguagem.

Nesse sentido, há educadores que se preocupam em ressignificar o ensino de Língua Portuguesa. Para isso, têm-se empenhado em adotar novas metodologias, novas formas de ensinar a língua materna, não apenas voltadas para o ensino de gramática, de descontextualizada, mas sim, privilegiando a reflexão sobre os modos de realizações das múltiplas linguagens, estimulando os alunos a deixarem aflorar a competência comunicativa e a autonomia.

Apresentamos no tópico a seguir as orientações contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de Língua Portuguesa.

## 1.2 O que dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino contemporâneo de Língua Portuguesa no ensino médio?

O Ministério da Educação e Cultura (MEC), buscando propostas de abordagens pedagógicas mais eficazes que as tradicionalmente adotadas, elaborou os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) para o Ensino Fundamental (BRASIL, 1997) e para o Ensino Médio (BRASIL, 1999). Estes documentos apresentam algumas sugestões para o ensino de Língua Portuguesa, com fundamentos na concepção interacionista de linguagem sem, contudo, capacitar de modo consistente o grande número de professores atuantes em sala de aula, em contato direto com os alunos, a um tipo de ensino que produza os efeitos desejados.

Sendo a língua considerada um patrimônio cultural, um bem coletivo, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) propõem que o ensino de Língua Portuguesa desenvolva no aluno “seu potencial crítico, sua percepção das múltiplas possibilidades de expressão linguística, sua capacitação como leitor efetivo dos mais diversos textos representativos de nossa cultura” (BRASIL, 1999, p. 55). E ainda, nesse contexto, acrescentam: “o aluno deve ter meios para ampliar e articular conhecimentos e competências que possam ser mobilizadas nas inúmeras situações de uso da língua com que se depara, na família, entre amigos, na escola, no mundo do trabalho” (BRASIL, 1999, p. 55). Considera como sendo necessária a aquisição e o desenvolvimento das competências: interativa, textual e gramatical, sendo essas três interrelacionadas entre si.

Os PCNEM (BRASIL, 1999) sugerem que o ensino de Língua Portuguesa passe a focar nos elementos: *o ensino* (alçado na perspectiva de atividade sociointeracionista que ocorre por meio da mediação), *a língua* (alçada na perspectiva de diversidade, multiplicidade e plasticidade) e *o aluno* (sujeito do processo de ensino e de aprendizagem). O ensino de língua passa a primar pela perspectiva de formar um falante competente, que consiga utilizar as mais diversas modalidades da língua.

O aspecto que se destaca nos PCNEM (BRASIL, 1999) diz respeito ao fato de o ensino passar a conceder primazia aos eixos norteadores do ensino de língua a saber: leitura, produção de texto, oralidade e análise linguística.

No que diz respeito à *leitura*, os PCNEM (BRASIL, 1999) de Língua Portuguesa preconizam a formação de leitores competentes, que consigam construir significados a partir de diferentes gêneros textuais. Para isso, esse parâmetro propõe uma abordagem que articula a leitura e a escrita, dando a estas o papel de atividades articuladas e complementares. Com base nos PCNEM (BRASIL, 1999), é atribuído à leitura o papel de atividade de construção e elaboração de sentido. Essa posição surge com a pretensão de se opor à prática da leitura

como *decodificação*. Nessa nova perspectiva, o documento oficial orienta vários tipos de leitura (silenciosa, em voz alta, individual, em conjunto etc.) e o desenvolvimento de diversas atividades relacionadas a essa competência linguística, tais como: projetos de leitura, atividades sequenciadas etc..

Quanto à *produção de texto*, os PCNEM (BRASIL, 1999) orientam a articulação entre a leitura e a escrita para a promoção de atividades didáticas. A leitura provê subsídios para a linguagem escrita, ora fornecendo argumentos, ora modelos de referência, remetendo, assim, à intertextualidade. Com isso, os PCNEM (BRASIL, 1999) têm como objetivo formar escritores competentes.

No tocante à *análise linguística*, os PCNEM (BRASIL, 1999) orientam a utilização do texto como *unidade de sentido*, a fim de levar os discentes a refletir acerca da língua e dos mais diversos recursos linguísticos. Destaca-se, sobretudo, a utilização dos gêneros textuais como suporte didático na prática pedagógica, focando suas particularidades e especificidades. Isso possibilita que o aluno compreenda o funcionamento desses gêneros de texto presentes nas práticas de linguagem do dia-a-dia.

Nesse sentido, percebe-se que os PCNEM (BRASIL, 1999), no tocante ao ensino de Língua Portuguesa, trazem consigo as marcas e os traços dos mais recentes estudos das Ciências da Educação (Pedagogia), Ciências da Linguagem (Linguística) e das Ciências Psicológicas (Psicologia), rompendo com as práticas tradicionais de escolarização, que preconizavam a ênfase dada às nomenclaturas da gramática normativa.

E nos surge a pergunta: e o foco no professor, onde fica? A resposta é o que nos motiva a investir nessa pesquisa em oferecer, aos professores, uma proposta didática que não tem o objetivo de servir como parâmetro, mas como alternativa de ensino interacionista de Língua Portuguesa.

### **1.3 “Aula de português: encontro e interação”: O que diz Irandé Antunes?**

É impossível falar sobre o ensino de Língua Portuguesa sem atentar para a situação atual da nossa prática educacional. Para isto, foi necessário recorrer a riqueza de informações apresentadas por Irandé Antunes em seu livro “Aula de português: encontro e interação” (2008).

Sabemos, por pesquisas apresentadas na mídia e em pesquisas científicas em todo o país, que o ensino da língua não vai bem e que a escola não estimula a formação de leitores e escritores críticos, pois isso é uma constatação do domínio comum. As práticas pedagógicas



ainda mantêm uma perspectiva reducionista do estudo da palavra e da frase descontextualizadas.

Vale salientar que muitas tentativas de inovação foram realizadas, mas sem muita eficácia e continuamos com o quadro do insucesso escolar, com alunos frustrados por não “saberem” português, aumentando, assim, a quantidade de reprovações e, conseqüentemente, a evasão escolar.

Sendo assim, faz-se necessária a participação efetiva da população no exercício pleno da cidadania e o ensino da Língua Portuguesa está intrinsecamente ligado a isso, pois a participação efetiva de uma pessoa na sociedade se dá, na maioria das vezes, através da voz, da comunicação e da atuação e interação verbal.

Deve-se considerar que os problemas educacionais não se restringem apenas ao âmbito escolar da sala de aula, mas também à falta de infraestrutura necessária, à falta de qualificação dos professores.

É evidente que causas externas à escola interferem, de forma decisiva, na determinação desse resultado. A escola, como qualquer outra instituição social, reflete as condições gerais de vida da comunidade em que está inserida. No entanto, é evidente também que fatores internos à própria escola condicionam a qualidade e a relevância dos resultados alcançados. (ANTUNES, 2008, p. 20)

É importante também ressaltar as ações empreendidas pelas instituições governamentais em busca de uma escola mais formadora e eficiente. Destaca-se aqui o trabalho empenhado pelo Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB), o trabalho realizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e, cito novamente, a elaboração e a divulgação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN).

O ensino de língua descontextualizado, voltado para o aprendizado de nomenclaturas e classificações, pouco se aproveita. Segundo Antunes (2008),

se o que predomina nas aulas de português continua sendo o estudo inócuo das nomenclaturas e classificações gramaticais, ir à escola e estudar português pode não ter muita importância, principalmente para quem precisa, de imediato, adquirir competências em leitura e em escrita de textos. Ou mesmo para quem precisa ter uma certa fluência e desenvoltura no exercício mais formal da comunicação oral. (ANTUNES, 2008, p. 16)

Para a autora, o ensino de gramática ainda tem como base a memorização de regras e nomenclaturas. “Nesse ensino é prioritariamente pretender que o aluno saiba o nome que as

coisas da língua têm; ou seja, o que centraliza esse ensino é saber rotular, saber reconhecer e dar nome às coisas da língua” (ANTUNES, 2008, p. 87).

A estudiosa apresenta uma sequência de constatações não favoráveis acerca de como acontece a atividade pedagógica do ensino do português, abordando os eixos norteadores da oralidade, da escrita, da leitura e da gramática.

No tocante à escrita, muitas vezes, o que é feito na escola desestimula o aluno a escrever. As atividades de escritas se resumem a um exercício mecânico e periférico de reprodução dos sinais gráficos e à memorização das regras ortográficas. Muitas vezes, o que se vê, é um professor pedir para um aluno escrever, de forma improvisada, sem planejamento e sem revisão. O aluno escreve, o professor corrige e, na maioria das vezes, o que se avalia da produção textual é somente a ortografia, a pontuação, etc.. O trabalho com a escrita se torna uma prática sem função e destituída de qualquer valor interacional, pois se limita a oportunidades de exercitar aspectos não relevantes da língua.

Em relação à leitura, o que se pode observar é uma atividade centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita sem que essas habilidades sejam associadas à dimensão da interação verbal. As atividades de leituras tornam-se desinteressantes para os alunos e não os estimulam a pensar e a compreender as múltiplas funções sociais da leitura. Já para os professores, esses momentos, na maioria das vezes, são utilizados apenas para fins avaliativos.

Na visão de Antunes (2008, p. 30), “a compreensão deturpada que se tem da gramática da língua e de seu estudo tem funcionado como um imenso entrave à ampliação da competência dos alunos para a fala, a escuta, a leitura e a escrita de textos relevantes”. Sendo assim, conclui-se que “há um equívoco tremendo em relação à dimensão da gramática de uma língua, em relação às suas funções e às suas limitações também” (ANTUNES, 2008, p. 30).

No quesito gramática, a autora é clara ao afirmar que o que é ensinado hoje nas escolas é uma gramática descontextualizada, fragmentada, voltada para nomenclatura, inflexível, predominantemente prescritiva, isto é, o que se ensina na escola nada tem a ver com a realidade do aluno, tornando, desse modo, sem sentido a aula de português. O aluno começa a entender que esta aula não tem relação com sua realidade, uma vez que aquela forma de comunicação não é utilizada em seu dia-a-dia, pois se trata de frases isoladas, sem sentido, que apenas se apoiam em regras e casos particulares e que, mesmo estando presentes nos livros didáticos, estão fora dos contextos do uso da língua.

Diante de todos esses problemas encontrados no ensino de Língua Portuguesa, a linguista e docente Irandé Antunes chama à atenção dos professores para uma reflexão de

como está sendo ensinada a nossa língua. A autora oferece algumas sugestões que ajudam na descoberta de “novos jeitos” de ver a língua e de ver-se como professor de aulas de português.

Para que haja a mudança desse quadro que foi apresentado, será necessário muito esforço e empenho por parte de toda a sociedade em conjunto. Isso requer ações fundamentadas, planejadas e sistemáticas, tanto das políticas públicas, como dos professores e também da escola. Ela, a escola, nesse caso, precisa cumprir com seu papel social de capacitação das pessoas para o exercício cada vez mais pleno e consciente de sua cidadania e o professor é uma peça chave nesse contexto de transformação. Ele, o professor, precisa assumir o seu novo papel que é o de pesquisador, aquele que, com os alunos, produz o conhecimento, o descobre e o redescobre.

Ao assumir, de forma produtiva, essa discussão de aproximar o estudo da língua à realidade concreta de cidadania já demonstra uma iniciativa de mudança; e isso representa um passo bastante significativo. Em suma, destacamos que este tópico é o que configura a concepção sociointeracionista inserida na questão-problema deste trabalho.

#### **1.4 Um olhar sobre as concepções de leitura**

De acordo com Koch e Elias (2011), pode-se compreender que uma concepção de leitura é decorrente da concepção de sujeito, de língua, de texto e de sentido que se adote. Na concepção de língua como representação do pensamento, o sujeito é psicológico, o texto é visto como produto acabado e a leitura é entendida como uma atividade de captação das ideias do autor. Na de língua como estrutura, o sujeito é determinado pelo sistema, o texto como um produto de codificação e decodificação e a leitura é uma atividade que exige do leitor o foco na linearidade do texto. Já na concepção interacional da língua, o sujeito é visto como um construtor social, o sentido do texto é construído na interação texto-sujeito e a leitura é uma atividade interativa de produção de sentidos.

Segundo as autoras, a interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada pelos objetivos de leitura e para que se possa ter um resultado melhor é preciso levar em consideração os conhecimentos sociolinguísticos específicos que cada leitor possui e que são ativados no momento da leitura, juntamente com as várias estratégias sociocognitivas.

Sendo assim, o processamento textual é estratégico e para realizá-lo recorreremos a três sistemas de conhecimento. O conhecimento linguístico, que abrange o conhecimento gramatical e lexical, e que nos leva a compreender a organização do material linguístico, o uso dos meios coesivos e a seleção lexical adequada. O enciclopédico ou de mundo, como o

próprio nome sugere, refere-se aos conhecimentos gerais sobre o mundo, bem como aos conhecimentos alusivos à vivências pessoais do leitor. O interacional que diz respeito às formas de interação por meio da linguagem e engloba: o conhecimento ilocucional, o qual nos permite reconhecer os objetivos propostos pelo autor, o conhecimento comunicacional que nos auxilia na determinação da quantidade de informação, na escolha da linguagem e do gênero textual adequado à situação comunicativa, o conhecimento metacomunicativo que permite ao locutor assegurar a compreensão do texto e conseguir a aceitação pelo parceiro dos objetivos com que é produzido e o conhecimento superestrutural que nos ajuda na identificação de textos como exemplares adequados aos diversos eventos da vida social.

As leituras vão se construindo diferentemente dependendo do leitor, mas isso não deixa margem para que seja feita qualquer leitura, deve se seguir uma linha de raciocínio lógica atentando para a intenção e para os objetivos que o autor deseja alcançar com seu texto. Elementos linguísticos, cultura, circunstância de produção do texto, por exemplo, são fatores determinantes no processo de compreensão e construção de sentido. Além destes fatores que são derivados do autor e do leitor, há também fatores derivados do próprio texto como os aspectos materiais e os fatores linguísticos que podem, muitas vezes, dificultar não apenas a compreensão, como também a própria decodificação.

Outro fator que pode interferir na produção de sentido é o de o texto ter uma existência independente do autor, já que entre a produção do texto escrito e a sua leitura pode se passar muito tempo. Logo, as circunstâncias da escrita podem ser absolutamente diferentes das circunstâncias da leitura.

Diante do que foi exposto por Koch e Elias (2011), pode-se concluir que a concepção interacional da língua é a mais adequada para o ensino, já que esta concepção dialoga com os objetivos propostos pelos PCNEM (BRASIL, 1999) e por conceber que a leitura é uma atividade sociointeracionista de construção e de reconstrução de sentidos discursivos historicamente situados – posicionamento que defendemos neste trabalho.

Nessa concepção sociointeracionista, a leitura passa a ser vista como um processo de construção de significados. Para isto, dá-se importância aos elementos linguísticos e não linguísticos presentes no texto. Desta maneira, quando a atividade de leitura é realizada, insurge um processo de construção de sentidos por parte do leitor.

Nisso, podemos perceber que o ato de ler é mais que um simples método de decodificação de sinais, pois o aluno é capaz de formar seu senso crítico e a construção discursiva de sentidos.

Sendo assim, entende-se que a leitura, numa perspectiva interacionista pode formar leitores críticos que interpretam e compreendem textos de diferentes gêneros e em diferentes instâncias da vida. Esse modo de leitura, a leitura discursiva, possibilita que os alunos se tornem capazes de construir sentidos, desconstruir sentidos sacralizados ou tidos como naturais ou verdadeiros. Faz-se necessária, portanto, a adoção de práticas discursivas de leitura que impõem uma mudança de postura e de trabalho, embora, muitos docentes ou mesmo o senso comum resistam às mudanças, firmando uma noção tradicional de leitura.

Sob essa ótica, situamos o trabalho com a leitura dialógica na sala de aula, caracterizada pelo processo de interação, que provoca no aluno e também no professor engajamento, atividades responsivas, significação dos textos num plano discursivo. Concordamos com Almeida (2013, p. 14) para quem “ler é uma prática encarnada por gestos, hábitos e espaços e, portanto, faz-se necessário distinguir os leitores (quem), as tradições de leitura (o que se lê) e as maneiras de se ler (como)”.

Tal distinção, quando desenvolvida em sala de aula, exige um comprometimento de professor em situar historicamente o que se ler, reportando ao dito e ao que será dito. A leitura nesta perspectiva dialogicamente articula passado, presente e futuro, estabelecendo eixos de significação no contexto do ensino-aprendizagem de língua e associando conhecimentos linguísticos e de vida social.

A abordagem metodológica para a prática interacionista de leitura deve partir de uma tomada de decisão a respeito da concepção de linguagem para dimensionar o trabalho do professor em sala de aula. A concepção com a qual será trabalhada nesta pesquisa é a que vê a linguagem como processo de interação, portanto, a relação de ensino-aprendizagem deve fundamentar-se num processo interativo de construção do conhecimento.

### **1.5 Um olhar sobre as concepções de escrita**

Deve-se considerar a escrita como sendo uma ferramenta que está presente na nossa vida de tal forma que seria quase impossível imaginar a existência da raça humana sem ela. Dependemos dela desde atividades simples do dia-a-dia, como deixar um recado na geladeira, ou enviar mensagens eletrônicas até os mais importantes documentos de cunho oficial. É sabido da complexidade que este tema apresenta, pois ao se debruçarem na tentativa de definir o que é escrita, variadas correntes apresentam diferentes concepções e pontos de vista sobre o assunto.

De acordo com Koch e Elias (2010), a conceituação de escrita varia de acordo com o foco a ela destinado. Quando o foco está na língua, a linguagem é concebida como um sistema pronto. Nela, o sujeito é apenas um receptáculo de informação, não sendo-lhe permitido o poder de interferência de algum modo na fala de quem escreve, por se tratar de uma voz pronta e pré-determinada. Nessa concepção, o texto é visto como um simples produto de codificação feito pelo escritor com o objetivo de ser decodificado pelo leitor. Para Oliveira (2010), ao conceber a escrita dessa maneira, o professor acaba enfocando a forma, a estrutura, tanto gramatical como textual, em detrimento do conteúdo do texto a ser escrito pelos alunos.

Quando o foco está no escritor, a língua é vista como uma representação do pensamento e o sujeito como sendo o senhor absoluto de suas ações e de seu dizer. Nessa concepção de língua, o texto é visto como um produto do pensamento, uma representação mental do escritor. Dentro desse contexto, a escrita para as autoras Koch e Elias (2010, p. 33), “é uma atividade por meio da qual aquele que escreve expressa seu pensamento, suas intenções, sem levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor ou a interação que envolve esse processo”.

Quando o foco está na interação, a imagem e a presença do sujeito como agente do processo assume papel relevante, considerando a sua inserção no sentido de ampliar a discussão, dimensionando a fala do autor, introduzindo outras falas, outras vozes, ao tempo em que consegue extrair das entrelinhas conjuntos de ideias jamais imaginados por aquele de quem teve origem. Trata-se em linhas gerais e de forma representativa de um universo em constante expansão, podendo assim dizer que à medida que dos implícitos for requerida a compreensão dos fatos, do pensamento do escritor, maiores são as possibilidades de serem extraídas informações outras, podendo até ocorrer um processo de rotatividade.

Nessa concepção sociointeracional da língua, tanto aquele que escreve como aquele para quem se escreve, isto é, o leitor, são vistos como construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto, este que é considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais e interacionais. Logo, leitura e escrita se interpenetram e não podem ser vistas como atividades estanques, dicotômicas.

Porto (2009, p. 23) elucida que “a produção escrita deve partir da ideia de que os textos possuem alguma função e que serão lidos e ouvidos por outras pessoas”. Dessa forma, abre-se espaço para os diversos tipos de implícitos, permitindo tanto ao autor quanto leitor a possibilidade para outros olhares, outras interpretações. Os sujeitos sentem-se à vontade para

exporem seus pensamentos, interagindo cognitivamente enquanto seres sociais, inserindo-se e tornando-se parte integrante do texto. O leitor passa de mero coadjuvante passivo para o mundo do interrelacionamento com a escrita. O texto, neste caso ao ser escrito e lido, não se enquadra mais na noção de pertencimento de quem o escreveu. Pertence a todos os leitores/autores que reproduzirão os pensamentos e reflexões por meio das inferências, dos cortes e acréscimos.

Pensando no ensino de escrita dentro da perspectiva sociointeracionista, é válido ressaltar o que sugere Oliveira (2010):

é mais interessante o professor adotar uma terceira concepção – *a da sociointeração* –, a de que a escrita é um processo que leva a um produto, apropriando-se de elementos das duas outras concepções para ajudar seus alunos a desenvolverem sua competência redacional *e sociocomunicativas*. (OLIVEIRA, 2010, p. 121, itálicos nossos)

O professor então deve ter a consciência de uma pedagogia da escrita que privilegie a concepção de linguagem centrada no discurso do aluno como sujeito social que interage como outro, vinculado a todo ou qualquer contexto comunicativo e nas relações de sentidos e das intenções com que os alunos dizem às coisas que tem a dizer, conferindo, assim, os princípios que regem a textualidade de formas linguísticas.

Quando falamos de escrita, não podemos deixar de lado questões referentes à reescrita dos textos, pois essas ações devem caminhar juntas. Ao desenvolver a escrita, o professor deve possibilitar ao aluno a reflexão sobre a sua produção e ultrapassar esse processo através da atividade de reescrita: processo que proporciona ao aluno a ponderação sobre a sua produção escrita envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem e que se desenvolve a partir de: 1) leitura, compreensão e identificação dos gêneros e 2) reescrita do texto. Segundo Dell’Isola (2007), a relevância de se reescrever deve-se ao fato de, no momento da reescrita, refletirmos conscientemente sobre as estruturas que compõem cada gênero, assim como sobre os critérios de textualidade: informatividade, a situacionalidade, a intertextualidade etc..

Para Bakhtin (2010, p. 286, itálicos nossos), “a reprodução do – *ou o retorno ao* – texto pelo sujeito (que se dá num processo de volta ao texto, releitura, nova redação) é um acontecimento novo, irreproduzível na vida do texto, é um novo elo na cadeia histórica da comunicação verbal”. Sendo assim, a atividade de reescrita permite que o aluno analise e transforme o que antes não era visto como um problema e possa desenvolver cada vez mais a aptidão na aprendizagem da escrita.

## 1.6 Por que trabalhar com gêneros?

Como o ensino de língua vinha se mostrando cada vez mais defasado por um sistema que priorizava a nomenclatura fora do contexto de uso, um ensino fragmentado em que as aulas de produção textual se resumiam às “*velhas redações escolares*” pelas quais o aluno se deparava diante de um monólogo, pois não era preparado para um evento comunicativo, não se pensava no outro, surge à proposta de se trabalhar com os gêneros textuais.

O estudo dos gêneros textuais *não é novo*, como enfatiza Marcuschi (2008), *mas está na moda*. Segundo o autor, a teoria dos gêneros, desenvolvida por Bakhtin, consiste na definição de gênero como prática social e prática textual discursiva que ocorre numa dada situação de comunicação em determinado momento da história. Sendo assim, deve-se ponderar em um texto ou em uma produção o evento comunicativo e o contexto de produção.

Reinaldo (2007) segue essa mesma linha de pensamento alegando que uma produção textual voltada para teoria dos gêneros exige a consideração dos elementos orientadores: finalidade, especificidade do gênero, lugares preferenciais de circulação e interlocutor eleito. Estes são subsídios indispensáveis para produção de textos escritos.

As Orientações Curriculares do Ensino Médio – OCEM – (BRASIL, 2006) indicam que, ao delimitar o conteúdo, os professores tentem constituir suas práticas de ensino através de agrupamentos de textos, segundo recortes variados, em razão das demandas locais, e que tenham objeto de ensino o processo de produção de sentido pelo qual se constitui um texto, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem. De acordo com as OCEM (BRASIL, 2006),

o que se defende, portanto, é a absoluta necessidade de se evocar e levar adiante o desafio de criar condições para que os alunos construam sua autonomia nas sociedades contemporâneas – tecnologicamente complexas e globalizadas – sem que, para isso, é claro, se vejam apartados da cultura e das demandas de suas comunidades. Isso significa dizer que a escola que se pretende efetivamente inclusiva e aberta à diversidade não pode ater-se ao letramento da letra, mas deve, isso sim, abrir-se para os múltiplos letramentos, que, envolvendo uma enorme variação de mídias, constroem-se de forma multissemiótica e híbrida – por exemplo, nos hipertextos na imprensa ou na internet, por vídeos e filmes etc.. Reitera-se que essa postura é condição para confrontar o aluno com práticas de linguagem que o levem a formar-se para o mundo do trabalho e para a cidadania com respeito pelas diferenças no modo de agir e de fazer sentido. (BRASIL, 2006, p. 29)



O ensino de gênero se concretiza dentro da sala de aula, permanecendo apenas no âmbito escolar, não parte para a vida cotidiana dos alunos por não estar contextualizado. Sendo assim, cabe ao professor criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e linguísticas de gêneros diversos nas mais variadas situações de comunicação. Assim, o real objetivo do ensino de gênero nas escolas é para fazer com que os alunos aprendam a dominá-lo, ou seja, conhecê-lo, aprendê-lo, compreendê-lo, produzi-lo, além de encontrar similaridade e distanciamento entre os gêneros, tornando a escola uma instituição de comunicação/interação. No entanto, tal prática, comumente, não acontece e os alunos apresentam dificuldades na diferenciação, por exemplo, entre gênero e tipo textual.

Deve-se, portanto, orientar o professor para que o mesmo mude sua postura dentro da sala de aula, procurando renovar seus métodos de ensino, para, com isso, oferecer aos alunos um melhor aprendizado, pois se observa o descaso que os mesmos têm em relação aos estudos feitos tanto com a gramática, quanto no próprio estudo dos gêneros textuais, visto não terem a devida motivação e introdução de métodos mais flexíveis e oportunos, para tanto.

### **1.7 O gênero artigo de opinião**

O artigo de opinião é um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Geralmente, discute um tema atual de ordem social, econômica, política ou cultural, relevante para os leitores, apresentando a análise e a posição do autor. É um gênero no qual se busca convencer o outro sobre determinada ideia, influenciando-o e transformando seus valores por meio da argumentação a favor de uma posição e de refutação de possíveis opiniões divergentes. Nesses termos, pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende.

De acordo com Costa (2009), o artigo de opinião trata-se de um texto dissertativo e argumentativo que forma um corpo distinto na publicação, por exemplo, de um veículo de comunicação, trazendo a opinião ideológica do autor sobre determinado fato social.

Este gênero possui relação direta com as estratégias discursivas usadas para persuadir o leitor e não só com a pertinência dos argumentos apresentados. Todavia, é a expressão do posicionamento crítico do autor que garante consistência ao artigo de opinião. As características do contexto de produção (enunciador, assunto, finalidade comunicativa) determinam a configuração do gênero. Assim, na produção do artigo, o autor pode optar por

uma linguagem comum ou cuidada. A primeira emprega um conjunto de palavras, expressões e construções mais usuais, com uma sintaxe acessível ao leitor comum. A segunda vale-se de um vocabulário mais preciso e raro, com uma sintaxe mais elaborada que a comum.

Para apresentar a questão e os argumentos, o autor utiliza predominantemente o presente do indicativo, mas também pode fazer uso do pretérito em explicações ou apresentação de dados e evidências. É muito comum também o emprego de argumentos de autoridade, que consistem na citação de autores renomados ou de autoridades no assunto para comprovar uma ideia, uma tese ou um ponto de vista. Na sequência argumentativa, o autor pode se colocar de modo pessoal (em primeira pessoa: na minha opinião, penso que etc.), ou de modo impessoal (em terceira pessoa: é provável que, é possível que, não se pode esquecer que, convém lembrar que etc.). Nesse gênero, a tipologia textual de base é a dissertativa, pois o autor constrói uma opinião. Cada parágrafo, habitualmente, contém um argumento que dá suporte à conclusão geral.

Tal gênero é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito. Assim, evidencia-se a dialogicidade no processo de produção: o autor coloca-se no lugar do leitor e antevê suas posições para poder refutá-las. Ele justifica suas afirmações, tendo em vista possíveis questões ou conclusões contrárias, suscitadas pelo interlocutor.

Realizadas essas discussões teóricas, apresentamos, a seguir, o capítulo que contempla a vinculação deste Trabalho de Conclusão de Curso ao tipo de pesquisa descritiva.

## CAPÍTULO II

### DAS QUESTÕES METODOLÓGICAS

Antes de apresentarmos a proposta didática deste trabalho convém justificar, teoricamente, a nossa vinculação metodológica ao tipo de pesquisa descritiva, conforme prometido no último parágrafo da Introdução do presente trabalho.

De acordo com Oliveira (2007, p. 68), a pesquisa descritiva vai além do experimento: “procura analisar fatos e/ou fenômenos, fazendo uma descrição detalhada da forma como se apresentam esses fatos e fenômenos, ou, mais precisamente, é uma análise em profundidade da realidade pesquisada”.

Através desses princípios, a realidade passa a ser percebida pelos olhos da ciência, não de uma forma desordenada, esfacelada, fragmentada, como ocorre na visão subjetiva e a crítica do sendo comum, mas sob o enfoque de um critério orientador, de um princípio explicativo que esclarece e proporciona a compreensão do tipo de relação que se estabelece entre os fatos, coisas e fenômenos, unificando a visão de mundo.

Para além dessas questões que, talvez, sinalizem um conhecimento fechado, uniforme, a vinculação deste trabalho à pesquisa descritiva se estabelece por entender a proposta didática aqui apresentada e explicada como um fenômeno que pode ocasionar uma possibilidade de ensino de Língua Portuguesa aproximado de uma visão sociointeracionista, propósito que ventila a questão-problema deste trabalho.

A sua adesão a este tipo de pesquisa científica ainda se solidifica por conter os significados de dois verbos marcadamente constitutivos do saber científico: descrever e explicar. “*Descrever* é narrar o que acontece. *Explicar* é dizer por que acontece. Assim, a *pesquisa descritiva* está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los” (RUDIO *apud* OLIVEIRA, 2007, p. 67, itálicos da autora).

Desta maneira, a proposta didática, neste contexto, é tomada como um fenômeno que será apresentado e classificado. No que se refere a um caráter de *interpretado* não teremos o controle ou o acesso neste trabalho, mas, num futuro próximo, buscamos a aplicação/realização desta proposta.

Nesse sentido, para a realização deste trabalho, as atividades foram, metodologicamente, organizadas da seguinte forma:

- Foi providenciado um estudo do referencial teórico que sustentaria, nesse trabalho, a fundamentação da literatura;

- Tendo como horizonte as discussões teóricas sobre o ensino de leitura e de escrita na contemporaneidade elaboramos a proposta didática apresentada.

Faz-se necessário, então, mencionar que esta proposta didática é indicada para o 1º Ano do ensino médio, mas, dependendo da realidade da turma, poderá ser trabalhada no 2º Ano e no 3º Ano. Para o desenvolvimento desta proposta serão necessários sete encontros divididos em quatro semanas, totalizando 13 h/a. Planejamos esta atividade para se realizar em um calendário escolar cujas aulas da disciplina de Português se distribuam em três dias da semana, total de cinco aulas por semana, seguindo a sequência de duas aulas no primeiro dia, duas aulas no segundo dia e uma aula no terceiro dia. É válido aqui ressaltar que esta sequência é passível de mudanças quanto à adequação das atividades em relação ao cronograma da escola no que diz respeito à distribuição das aulas durante a semana.

Nesse momento, apresentamos o capítulo que contempla a proposta didática que defendemos nesta monografia.

## CAPÍTULO III

### PROPOSTA DE ATIVIDADE DIDÁTICA COM O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

#### 3.1 Por que planejar?

O professor tem o papel fundamental de coordenar o processo de ensino e aprendizagem da sua classe. Nesse sentido, é preciso organizar todas as suas ações em torno da educação de seus alunos, ou seja, promover o crescimento intelectual deles em relação à compreensão do mundo e à participação na sociedade.

Para isso, ele precisa ter claro quais são as intenções educativas que presidem esta ou aquela atividade proposta. Na verdade, ele precisa saber que atitudes, habilidades, conceitos, espera que seus alunos desenvolvam ao final de um período letivo. Certamente isso significa fazer opções quanto aos conteúdos, às atividades, ao modo como elas serão desenvolvidas, distribuir o tempo adequadamente, assim como fazer escolhas a respeito da avaliação pretendida.

Se essas intenções estiverem claras, as respostas a esta ou àquela pergunta ou a diferentes situações do cotidiano de uma sala de aula serão mais coerentes com os objetivos e propósitos definidos. Portanto, é preciso planejar!

O planejamento do Ensino tem como principal função oferecer subsídios de coerência entre as atividades que o professor faz com seus alunos e as aprendizagens que pretende proporcionar a eles. A sua elaboração é uma tarefa que cada professor deve realizar, tendo em vista o conjunto de alunos de uma determinada classe, sendo, por isso, intransferível.

Precisamos, enquanto professores, levar em conta os valores culturais de nosso grupo de alunos e nos dirigir a eles com uma linguagem clara, precisa e, ter capacidade de mobilizar recursos para abordar a situação complexa de ministrar uma aula. Nas visões de Gandin e Cruz (2012, p. 191), essa aula deve servir para mostrar o mundo ao aluno “não apenas para que o descortine, mas para que sobre o mesmo atue inventando meios e processos para se trabalhar os valores do pluralismo e da paz, da democracia e da compreensão mútua e solidária”.

Elaborar planos é muito importante num processo de planejamento. Porém, mais importante que os planos é o processo de desencadeamento, que é imprescindível! Para Gandin e Cruz (2012, p. 57), “hoje fala-se, em planejamento sem plano(s) o que é muito bonito e até funciona para quem domina muito bem a teoria do planejamento adquirida na prática”.

Os mesmos autores ainda defendem que os planos são escritos para tornar mais eficientes e mais eficazes as nossas ações e que sem um processo de planejamento, estaremos tecendo uma rede em que só há os nós e nada que os ligue entre si. “Ter um processo de planejamento sem plano(s) é correr risco de que a rede se desmanche por falta de pontos de ligação dos fios...”. No entanto, eles afirmam que nem todas as metodologias de elaboração de planos são responsáveis pela organização do processo de planejamento, pois com muitas metodologias mesmo que queiramos um processo organizado, terminaremos num amontoado de planos organizados entre si. Eles enfatizam que na realização de planos é primordial o processo.

Concordamos com Leal (sem data) quando afirma que

o planejamento é um processo que exige organização, sistematização, previsão, decisão e outros aspectos na pretensão de garantir a eficiência e eficácia de uma ação, quer seja em um nível micro, quer seja no nível macro. O processo de planejamento está inserido em vários setores da vida social: planejamento urbano, planejamento econômico, planejamento habitacional, planejamento familiar, entre outros. Do ponto de vista educacional, o planejamento é um ato político-pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade, expõe o que se deseja realizar e o que se pretende atingir. (LEAL, sem data, p. 01)

Nesse sentido, defendemos neste trabalho que, no contexto do trabalho docente, o planejamento é de fundamental importância para o desenvolvimento de um ensino comprometido com uma formação crítica e reflexiva de alunos. É por isso que defendemos neste trabalho a necessidade de se investir em discussões que contribuam com reflexões situadas sobre este momento específico do fazer docente, se pensarmos que este fazer está alicerçado no tripé *planejar, reger e avaliar* o ensino. Portanto, é preciso, também, se pensar na formação crítica e reflexiva dos professores: auxiliá-los especificamente no planejamento adere a proposta desta monografia.

### **3.2 O trabalho com sequência didática**

A partir das leituras de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) e das OCEM (BRASIL, 2006) referentes ao ensino de Língua Portuguesa, extrai-se que a atividade do professor em sala de aula precisa alcançar a postura de um mediador do conhecimento construído conjuntamente com os alunos, auxiliando-os a desenvolverem suas capacidades linguísticas.

O professor deve adotar uma postura técnico-crítico-reflexiva, sendo pesquisador da sua própria prática e, assim, intervir e adequar o processo de ensino-aprendizagem a contextos variados. Nesse sentido, buscou-se desenvolver os saberes linguísticos dos alunos com base na concepção sociocognitivo-interacionista da construção de sentidos. Com isso, foram levados em consideração os conhecimentos extralinguísticos, as práticas de linguagem dos aprendizes como um fator imprescindível para a construção dos sentidos.

Pensando assim, decidimos trabalhar com uma temática que pudesse aguçar o interesse dos alunos e gerasse discussões proveitosas, que possibilitassem desenvolver a capacidade crítica do aluno diante de um fato da sociedade. Desse modo, escolhemos como tema *Corrupção no Brasil*, um tema polêmico e que norteou esta proposta de atividades didáticas.

Partimos do princípio de que a seleção dos gêneros a serem levados para a sala de aula não deve ser feita de maneira aleatória, pensando que os textos devem conter características e usos que possam favorecer a reflexão crítica, bem como o desenvolvimento dos mecanismos da linguagem. Necessita-se também a consideração do contexto social dos alunos e das reais necessidades dos mesmos. Dessa forma, o gênero escolhido para a proposta foi o artigo de opinião, da ordem do argumentar.

As OCEM (BRASIL, 2006) aconselham que os professores de língua materna devam priorizar os eixos organizadores (leitura, escrita, oralidade e análise linguística) das ações de ensino e de aprendizagem e relacioná-los entre si, com a finalidade de que não se neutralize a complexidade que rege as atividades com a linguagem, seguindo uma ação de uso ⇔ reflexão ⇔ uso da/sobre a língua.

Cientes de que a produção textual é um processo e não um produto acabado, procuramos desenvolvê-la gradativamente nessa proposta de atividades, passando da leitura à discussão da temática e reflexão sobre os recursos construtores dos sentidos da língua, para, posteriormente, seguir as produções textuais e a reescrita.

Diante disto, julgamos necessário o trabalho com sequências didáticas apresentado por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Tais sequências são definidas como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004, p. 97). Os autores propõem que é necessário trabalhar com gêneros que o aluno não domina ou o faz de maneira insuficiente para que seja possível adquirir novas práticas de linguagem.

Segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a estrutura de uma sequência didática pode ser esquematizada, primordialmente, pela apresentação da situação, na qual é

apresentada aos alunos a tarefa que será desenvolvida, fase em que se fornecem as informações precisas para o conhecimento do projeto comunicativo em torno do gênero textual selecionado. Em seguida, na produção inicial, o alunado produz um texto que servirá de diagnóstico para o professor planejar, ou até mesmo, ajustar, as atividades previamente organizadas na sequência, adequando-as as possíveis dificuldades da turma. Posteriormente, segue o desenvolvimento didático em módulos/encontros, os quais são trabalhos problemas detectados na produção inicial e visam instrumentalizar os alunos para a superação desses na produção final.

É na produção final que o aluno irá demonstrar o resultado da aprendizagem acumulativa, resultante da aplicação da sequência didática, que permitirá ao professor, a avaliação do desempenho do alunado durante seu trabalho desenvolvido. Conforme o desempenho demonstrado pelos alunos, poderá ser solicitada a reescrita textual o quanto for necessário.

Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 117) consideram que “um dos princípios de base das sequências é a revisão ou reescrita dos textos produzidos, mas a correção ortográfica não deve obscurecer as outras dimensões que entram em jogo na produção textual”.

Sendo assim, esse trabalho de revisão, reescrita e, principalmente, de correção ortográfica nos textos precisa ser bem desenvolvido pelo professor, afinal, ao se preocupar com questões ortográficas, possivelmente, o aluno perde de vista o sentido da atividade que está realizando. Além disso, quando o professor observa apenas os erros ortográficos, ele não se detém na qualidade do texto, nem tampouco em outros erros essenciais do ponto de vista da escrita, os quais se voltam para problemas de coesão e coerência.

Em suma, podemos afirmar que a sequência didática consiste em um trabalho pedagogicamente bem orientado a ser desenvolvido pelo professor que assume uma postura mediadora da aprendizagem do aluno. Apresentamos, a seguir, a proposta didática que contempla o estudo do gênero *artigo de opinião* no contexto contemporâneo de ensino de Língua Portuguesa.



### 3.3 Proposta Didática

**Tema:** Corrupção no Brasil

**Eixos norteadores do ensino de Língua Portuguesa:** Leitura e escrita

**Gênero textual foco do ensino-aprendizagem:** Artigo de opinião

**Público-alvo:** Alunos do ensino médio

**Horas-aula:** 13 h/a

**Semanas estimadas:** 04

#### Justificativa

Trabalhar a língua na perspectiva interacionista em sala de aula é relevante, uma vez que os alunos são conduzidos a observarem, produzindo sentidos, a manifestação do sujeito social e o emprego do discurso em formações discursivas diversas.

Os artigos de opinião abordam questões polêmicas que envolvem a coletividade. Dessa forma, é imprescindível que a participação no mundo seja menos alienada, mais completa, mais participativa, através do conhecimento da opinião alheia sobre a nossa, torne-se possível rever valores e aceitá-los, transformá-los ou refutá-los, e escrever artigos de opinião nos possibilitam explicitar nossas opiniões a respeito de diferentes temas. Por ser um gênero que tem sua circulação em jornais, revistas e *sites* na internet, possibilita o acesso a um grande número de indivíduos que podem ter sua participação tanto como leitores, quanto como escritores de seu próprio artigo. Assim, consideramos sua relevância como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da ampliação da competência leitora e escritora do aluno.

Torna-se oportuno mencionar que esta proposta didática é indicada para o 1º Ano do ensino médio, mas, dependendo da realidade da turma, poderá ser trabalhada no 2º Ano e no 3º Ano.

Para o desenvolvimento desta proposta serão necessários sete encontros divididos em quatro semanas, totalizando 13 h/a. Planejamos esta atividade para se realizar em um calendário escolar cujas aulas da disciplina de Português se distribuam em três dias da semana, total de cinco aulas por semana, seguindo a sequência de duas aulas no primeiro dia, duas aulas no segundo dia e uma aula no terceiro dia. É válido aqui ressaltar que esta sequência é passível de mudanças quanto à adequação das atividades em relação ao cronograma da escola no que diz respeito à distribuição das aulas durante a semana.

## Objetivos gerais

- Promover e estimular leituras discursivas do gênero artigo de opinião;
- Instigar a análise do uso da linguagem com ênfase nos discursos instaurados no artigo de opinião, objetivando a formação de sujeitos leitores críticos e reflexivos e
- Oportunizar a prática da produção textual (escrita e reescrita) do gênero em estudo.

### 1º Encontro/Módulo (02 aulas)

- **Conteúdo:** Contextualização da temática a ser trabalhada: “Corrupção no Brasil”.
- **Eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa:** Leitura.
- **Objetivo específico:** Discutir sobre o tema, tomando como base três textos: charges (APÊNDICE 1), a reportagem “Câmara vai bancar passagens para mulher de deputados” (APÊNDICE 2) e o artigo de opinião “Somos todos corruptos” (APÊNDICE 3).
- **Descrição das atividades:**
  - Levantar um questionamento em sala de aula sobre a política no nosso país, partindo da seguinte pergunta: “O que é corrupção para você?”. Essa pergunta será escrita na lousa e será solicitado aos alunos que elenquem possíveis respostas para esse questionamento. Esses dados também serão expostos na lousa e a partir dessas respostas iniciaremos a discussão acerca dos pontos destacados;
  - Dividir a turma em três grupos e entregar a cada grupo um texto diferente. No primeiro grupo as charges, no segundo a reportagem e no terceiro o artigo. Cada aluno receberá cópia do texto que for entregue ao grupo e será solicitada uma leitura silenciosa. Após a leitura, cada grupo terá um tempo para discutir entre si sobre o que acharam do texto;
  - Iniciar um primeiro momento de apresentação das temáticas abordadas nos textos e convidar um representante dos grupos para apresentar os pontos que mais chamaram atenção no texto lido. Depois que cada grupo apresentar o seu texto, será solicitado que seja feito um rodízio com os textos até que todos os grupos tenham lido todos os textos;
  - Elencar pontos em comum entre os textos lidos, no que diz respeito à temática; e proporcionar um momento de discussão no qual o professor será o mediador e conduzirá os alunos a refletirem sobre o conteúdo apresentado e a sua relevância e

- Para finalizar, retornar aos pontos elencados na lousa no início da aula para que seja feita uma verificação para saber se os pontos levantados pelos alunos confirmam, ou não, as questões apresentadas nos textos trabalhados em sala de aula. Em seguida as discussões, responder a pergunta sugerida no início da aula na tentativa de compreendermos o que é, de fato, corrupção.
- **Metodologia:** Aulas expositivas e dialogadas que promovam a interação entre professor e alunos.
- **Materiais utilizados:** Lousa, marcador para quadro branco, xerocópias dos textos.
- **Avaliação:** Participação dos alunos no tocante ao envolvimento com as leituras sugeridas.

## 2º Encontro/Módulo (02 aulas)

- **Conteúdo:** Leituras de artigos de opinião.
- **Eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa:** Leitura.
- **Objetivo específico:** Ler discursivamente o gênero.
- **Descrição das atividades:**
  - De início, realizar a leitura oral do primeiro texto, o artigo “Afinal, por que há tanta corrupção no Brasil?” (APÊNDICE 4), e em seguida distribuir a cópias do texto aos alunos para que eles possam realizar as suas próprias leituras;
  - Levantar uma primeira discussão sobre o conteúdo apresentado no texto, fazendo associações aos textos trabalhados na aula anterior;
  - Entregar o segundo texto a ser trabalhado na aula, o artigo “A corrupção no Brasil também é bancada por nós!” (APÊNDICE 5) e solicitar que os alunos façam uma leitura silenciosa. Em seguida, solicitar que sejam levantados pontos em comum entre os textos, tanto em relação à temática, como também a estrutura dos mesmos;
  - Realizar uma discussão acerca das impressões suscitadas pelos alunos através das intervenções realizadas durante a aula, dando ênfase aos fatos que estão sendo denunciados e/ou criticados nos artigos e
  - Apresentar os aspectos discursivos e argumentativos que presentes nos textos, considerando-o como primordiais para o funcionamento e o aprimoramento da argumentatividade, proporcionando uma melhor oportunidade de aprendizagem da leitura com o objetivo de tornar os alunos sujeitos reflexivos e críticos socialmente.

- **Metodologia:** Aulas expositivas e interativas que promovam o posicionamento dos alunos em relação às leituras dos artigos de opinião.
- **Materiais utilizados:** Lousa, marcador para quadro branco e as xerocópias dos textos a serem trabalhados.
- **Avaliação:** Participação dos alunos no tocante ao envolvimento com as leituras sugeridas.

### **3º Encontro/Módulo (01 aula)**

- **Conteúdo:** Características do artigo de opinião a partir de leituras discursivas.
- **Eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa:** Leitura.
- **Objetivo específico:** Compreender as características do artigo de opinião a partir da realização de leituras do gênero.
- **Descrição das atividades:**
  - Organizar a sala de modo que os alunos formem um círculo, entregar o texto que será o artigo de opinião “O que é corrupção? Quem não é corrupto?” (APÊNDICE 6) e solicitar a leitura coletiva do mesmo;
  - Iniciar uma leitura interacionista, estimulando os alunos a falarem sobre o conteúdo, a temática presente no artigo em análise, de forma que socializem as impressões construídas por eles após as leituras realizadas. A organização da sala de aula em círculo favorecerá um debate organizado, no qual os alunos serão conduzidos a descrever o artigo de opinião (o que é?, quais suas características linguísticas?, qual a sua função na sociedade?, qual o veículo de circulação? etc.);
  - Estimular os alunos a compreenderem os discursos instaurados no artigo de opinião, o tipo de linguagem utilizada, a presença e postura dos sujeitos sociais, a função deste gênero na sociedade, além de conduzi-los a compreender a necessidade de considerar o contexto social instaurado no artigo de opinião para a construção dos efeitos de sentidos e
  - Apresentar aos alunos as características linguísticas e discursivas do gênero em questão.
- **Metodologia:** Aulas expositivas e dialogadas que promovam a interação entre professor e alunos e entre os próprios alunos.
- **Materiais utilizados:** Lousa, marcador para quadro branco, xerocópias do artigo de opinião.

- **Avaliação:** Participação dos alunos no tocante ao envolvimento com as leituras sugeridas.

#### **4º Encontro/Módulo (02 aulas)**

- **Conteúdo:** Produção do gênero artigo de opinião.
- **Eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa:** Escrita.
- **Objetivo específico:** Apresentar a atividade e solicitar a produção textual.
- **Descrição das atividades:**
  - Entregar a atividade (APÊNDICE 7) com a proposta de produção aos alunos, fazer a leitura da atividade e solicitar a produção individual do gênero “artigo de opinião”, tomando como base a temática discutida em sala nas aulas anteriores.
- **Metodologia:** Explicação da proposta de produção.
- **Materiais utilizados:** Xerocópias da atividade.
- **Avaliação:** Proposta de produção textual.

#### **5º Encontro/Módulo (02 aulas)**

- **Conteúdo:** Análise das produções textuais dos alunos.
- **Eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa:** Leitura/Escrita.
- **Objetivo específico:** Refletir sobre os pontos positivos das produções textuais dos alunos e orientar sobre os pontos que precisam ser melhorados, tendo em vista a reescrita.
- **Descrição da atividade:**
  - Apresentar exemplos das produções dos alunos. Serão tomados como modelos três produções, uma será apresentada como insatisfatória, outra como relativamente satisfatória e outra como satisfatória. As produções que serão utilizadas como modelos serão previamente digitadas e apresentadas como um arquivo de Word para que não haja identificação do autor através da caligrafia, por exemplo;
  - Exibir os textos através do Datashow, um de cada vez. O professor deverá ler o texto e pedir que os alunos destaquem os pontos que lhes chamaram atenção em cada texto, tanto na parte contedística quanto na parte estrutural. Esses pontos devem ser elencados na lousa e caracterizados como sendo positivos ou negativos de acordo com a opinião dos alunos e

- Revelar em qual perfil se encaixa cada uma das produções. O professor deverá discutir sobre os pontos, favoráveis e não-favoráveis, mais relevantes destacados previamente durante as correções das produções dos alunos. Para finalizar, o professor deverá discutir sobre os principais pontos a serem melhorados pelos alunos quando os mesmos forem realizar a atividade de reescrita dos textos.
- **Metodologia:** Aulas expositivas e dialogadas que promovam a interação entre professor e aluno e análise das produções apresentadas como modelos.
- **Materiais utilizados:** Datashow, computador, lousa, marcador para quadro branco e as xerocópias de algumas das produções dos alunos que servirá como modelo.
- **Avaliação:** Participação dos alunos no tocante ao envolvimento com as leituras sugeridas.

#### **6º Encontro/Módulo (02 aulas)**

- **Conteúdo:** Reescritura das produções textuais dos alunos.
- **Eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa:** Escrita.
- **Objetivo específico:** Apresentar a atividade e solicitar a reescritura da produção textual.
- **Descrição das atividades:**
- Entregar as produções dos alunos e solicitar que eles reescrevam o seu texto, tomando como base as discussões da aula anterior. Será entregue uma nova atividade (APÊNDICE 8) com a mesma proposta de produção, destacando-se que se trata de uma reescritura e que eles devem aperfeiçoar o texto que escreveram anteriormente.
- **Metodologia:** Explanação da proposta de produção textual (reescrita).
- **Materiais utilizados:** Xerocópias da atividade e as produções textuais dos alunos.
- **Avaliação:** Proposta de produção textual (reescrita).

#### **7º Encontro/Módulo (02 aulas)**

- **Conteúdo:** Socialização das produções finais dos alunos.
- **Eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa:** Leitura.
- **Objetivo específico:** Criar um mural para expor as produções textuais dos alunos.
- **Descrição das atividades:**
- Entregar as produções dos alunos corrigidas e expor em varais feitos com cordão e que serão construídos pelos próprios alunos;

- Pedir para que os alunos leiam as produções uns dos outros e discutam entre si o que acharam do trabalho, fazendo com que eles troquem experiências durante a aula;
- Finalizar a aula pedindo aos alunos que exponham a sua opinião quanto às atividades realizadas (o que acharam, qual a relevância que esse projeto teve para eles, o que eles aprenderam, qual a importância da atividade de rescrita para eles tendo em vista o resultado obtido na prática) e
- Deixar o material exposto durante a semana para visitação de outros alunos que queiram apreciar o trabalho que foi realizado na turma.
- **Metodologia:** Aulas discursivas que proporcionem a interação entre o professor e os aluno e entre os próprios alunos.
- **Materiais utilizados:** As produções textuais dos alunos corrigidas, cordão e prendedores de madeira.
- **Avaliação:** Participação dos alunos no tocante ao envolvimento com as leituras sugeridas.

### 3.4 Refletindo sobre a proposta didática apresentada

Esta proposta didática foi pensada para alunos do 1  Ano do ensino médio, podendo se estender ao 2  Ano e ao 3  Ano também, como já foi dito anteriormente. Para seu desenvolvimento, serão necessários sete encontros divididos em quatro semanas. Pensando em um trabalho que se estender  por quatro semanas,   necessário justificar que não serão utilizadas todas as aulas desse período para realização dessa proposta. Como o trabalho tem como objetivo a produção textual, o professor vai precisar de um período para fazer as correções das atividades. Sabendo como é a realidade do professor no Brasil, que muitas vezes precisa trabalhar no mínimo em dois horários de expedientes para compensar a questão salarial, é preciso organizar o calendário para realização dessa proposta. Sendo assim, a proposta não acontece em uma sequência de aulas, mas sim em dias alternados para que durante esse período o professor disponha de um tempo favorável para correção das produções.

Essa alternância, entre aulas trabalhando com a proposta e as aulas trabalhando com os demais conteúdos da disciplina,   benéfica até mesmo para os próprios alunos, pois eles ter o tempo para se familiarizarem com o gênero em estudo.   benéfico também porque esse trabalho em paralelo diminui as chances de os alunos verem a proposta como sendo algo exterior à disciplina, como se esse tipo de atividade não fosse válida para o ensino.

Na primeira semana, todas as aulas serão destinadas à proposta aqui empreendida. No 1º encontro/módulo serão duas aulas e o objetivo é fazer com que os alunos se familiarizem com o tema a ser abordado. Optamos por trabalhar com uma variedade de gêneros com objetivo tanto de socializar os alunos com essa diversidade como também para abordar a temática de pontos de vista diferentes. Nesse primeiro momento, o trabalho é voltado para as práticas de leitura dos textos e a dinamização do conteúdo a ser trabalhado. Nesse aspecto, nossa proposta difere da apresentada por Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), já que em seu livro, os autores propõem que o projeto seja iniciado pelo módulo 1, no qual já é proposto aos alunos uma produção inicial sem que antes seja trabalhada a parte temática. O objetivo dos autores, neste caso, é mostrar o quanto é importante a socialização, por parte dos alunos, tanto com o tema como também com o conhecimento do gênero a ser trabalhado, já que quando iniciamos a proposta solicitando a produção de imediato, o desempenho dos alunos nesse primeiro momento é muito insatisfatório.

Dando continuidade a nossa proposta, no segundo encontro, que também terão duas aulas, começaremos a abordar as questões referentes ao gênero, sua estrutura e sua função na sociedade. Nesse momento, focamos a leitura em textos cujo gênero já é o artigo de opinião, para que os alunos comecem a se familiarizar como gênero que será proposto na atividade de produção. O objetivo é trabalhar a leitura discursiva do gênero, observando o tipo de linguagem utilizada, a função sociocomunicativa, a discursividade e a intencionalidade dos textos. Esse mesmo caminho será percorrido no encontro seguinte, que será em apenas uma aula. O objetivo nesses dois encontros é trabalhar o gênero, fazer o aluno conhecer os discursos instaurados no artigo de opinião e a estrutura linguística e funcional do mesmo.

Já na segunda semana, apenas as duas primeiras aulas serão utilizadas para a proposta. Nosso quarto encontro/módulo terá como objetivo a produção textual de fato, pois nesse momento o professor vai entregar a atividade, explicar o que está sendo pedido e ficar aguardando enquanto os alunos produzem. Nas outras três aulas o professor poderá dar continuidade aos conteúdos programáticos do ano letivo. Já na terceira semana, serão utilizadas as quatro primeiras aulas, nas quais o professor irá trabalhar nas orientações pedagógicas em função da primeira produção dos alunos e em seguida solicitar a reescrita dos textos. Sendo assim, sobrar uma aula na qual o professor poderá aproveitar para dar sequência a outros assuntos.

Na semana seguinte, o professor terá o quinto encontro, no qual vai utilizar as duas primeiras aulas para orientação pedagógica e as próximas duas aulas, que já será o sexto encontro/módulo, para aplicação da atividade de reescrita. Esse trabalho de orientação vai ser



feito da seguinte forma; o professor, que já terá realizado as correções dos textos anteriormente, deverá escolher três modelos de produções para levar como exemplo para a sala de aula. Esses exemplos serão apresentados como sendo insatisfatório, relativamente satisfatório e satisfatório, lembrando que o professor deverá digitar os textos e levá-los em Word e não revelar os nomes dos autores para que não haja nenhum constrangimento por parte dos alunos cujas produções servirão como modelo. Os alunos não ficarão sabendo a princípio em qual perfil se encaixa as produções: o objetivo desta aula é fazer com que os próprios alunos identifiquem as possíveis falhas e os possíveis acertos de cada produção, a ponto de eles mesmos poderem fazer essa classificação de acordo com os seus pontos de vista.

O trabalho do professor será de orientação quanto ao que deve ser melhorado. Por isso, ele não deve se prender apenas a esses três modelos de produção, pois sendo assim só os alunos que tiveram a sua produção como modelo seriam beneficiados com as orientações. Lembrando que seria impossível o professor realizar esse trabalho com todas as produções em apenas duas aulas, tendo em vista que um professor hoje em dia, normalmente, tem que lidar com turmas enormes, o que muitas vezes dificulta até mesmo a realização de atividades de produção textual, devido à demanda de alunos.

Quanto ao trabalho de orientação, é interessante que no ato da correção das atividades o professor faça anotações com os problemas que foram recorrentes nos textos e apresente-os na aula, já que as produções modelos servirão como base para uma orientação geral. Isso facilita o aprendizado, pois possibilita ao aluno visualizar tanto as suas falhas como, principalmente, o que ele pode absorver e enriquecer o seu texto. Nada impede que nessa aula o professor tire dúvidas específicas dos demais alunos.

O trabalho será finalizado na quarta semana, na qual o professor encerra as atividades da proposta no sétimo encontro/módulo fazendo um trabalho de socialização com os alunos. O professor deverá entregar as produções corrigidas e, juntamente com a turma, construir um varal com cordão e cada aluno deverá prender com um prendedor o seu texto para que fique exposto à visualização do público, que será tanto os colegas de sala, como outras pessoas que queiram ter acesso a aula. É interessante que cada aluno receba cópia do seu texto para que possa guardar, já que o original ficará exposto, mas isso fica a critério da turma.

Nesse momento de socialização, cada aluno poderá ter acesso aos textos produzidos pelos seus colegas e discutir entre si sobre o que acharam dos trabalhos uns dos outros e também o que acharam da proposta, qual a relevância que esta atividade teve para seu

aprendizado – eis um momento oportuno de autoavaliação do professor: até ponto atingi meu aluno? qual a leitura que ele faz da proposta desenvolvida?

Para que este trabalho possa ter êxito, cabe ao professor realizar um excelente planejamento das atividades, organizar bem o cronograma a ser seguido e estar munido de bons materiais para apresentar aos alunos. Esta proposta é passível de adequações de acordo com a realidade do professor e do contexto no qual venha a ser aplicado.

No que diz respeito ao trabalho com o gênero artigo de opinião, destacamos que ele pode e deve ser usado em sala de aula no ensino-aprendizagem da leitura, tendo em vista que uma das tarefas da escola é formar leitores críticos e desenvolver neles a competência leitora. Sob esta perspectiva, o artigo de opinião possibilita a interação no ato de ler, que envolve a mobilização de conhecimentos prévios, a relação entre autor, texto e leitor para a construção de sentidos, proporcionando ir além da superfície textual numa atividade de procura de intenções e objetivos do autor.

Defendemos a concepção de que as aulas de Língua Portuguesa precisam oferecer aos alunos o contato com a língua em uma situação de uso real, em outras palavras, o contato com gêneros textuais e não privilegiar apenas o ensino gramatical que, na maioria das vezes, é descontextualizado – daí a importância do professor saber planejar!

As aulas de Língua Portuguesa devem contemplar um ensino que priorize os usos e as práticas sociocomunicativas na sala de aula. Assim, no plano das possibilidades, apresentamos o artigo de opinião como um texto opinativo e expresso na linguagem verbal, que, por sua vez, proporciona o ato interativo entre professor e aluno na medida em que o alunado é orientado à leitura, discute sobre a constituição do artigo, volta-se para o contexto de produção discursiva (histórico-social e ideológico) investigando a finalidade do autor ao evidenciar personagens envolvidas em um fato político ou social que lhe serviu de tema, bem como o alunado é orientado a escrever e a reescrever. Lembrando, ainda, que comumente em situações de concursos, como o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), o artigo de opinião é solicitado nas propostas de produção de texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de trabalho com o gênero textual artigo de opinião conferida neste trabalho demonstrou a importância que tem o gênero no desenvolvimento dos alunos no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa na aquisição de competência leitora e de produção escrita de textos, bem como o de proporcionar a interdiscursividade destes como agentes sociodiscursivos.

Nesse sentido, acreditamos que a escolha deste gênero para esta proposta didática proporciona aos alunos uma maior abertura em sala de aula às práticas discursivas (oral e escrita), democratizando assim o ato comunicativo entre os falantes e possibilitando aos alunos desenvolver habilidades para argumentar, apresentar seu ponto de vista e se colocar criticamente sobre os fatos da realidade social, como também, em desconstruir discursos, vistos, até então, como absolutamente “verdadeiros”.

A proposta partiu, também, da ideia de se trazer para sala de aula uma abordagem em torno do tema sobre a corrupção, visto que este é um assunto polêmico e muitas vezes é apresentado de forma minimizada, associando-se sempre à questões políticas, pois diferente da forma que está cristalizada no pensamento coletivo da sociedade, a corrupção é algo que está ligado, infelizmente, à nossa cultura e, portanto, não pode ser abortado da sala aula: espaço de construção crítica de conhecimentos.

Através da sistematização das atividades elaboradas com o gênero proposto, o professor pode planejar o que vai e como vai desenvolver em sua aula, assumindo, através desta, uma concepção de língua(gem) que valorize o processo interativo dos alunos com a sociedade e com o que nela é circulado em forma de temas.

Diante disso, vemos que o professor pode, nas aulas de Língua Portuguesa, se apropriar de planejamentos de ensino adaptados às necessidades e possibilidades dos alunos – eis o valor contributivo deste trabalho no contexto da formação de professores!

Acreditamos que, com a proposta apresentada, conseguimos proporcionar subsídios teóricos e metodológicos para a formação de leitores críticos e cidadãos participativos na sociedade. Defendemos que oferecemos recursos para o professor instigar o gosto pela leitura de textos de usos no dia-a-dia, promovendo a compreensão de diversificados gêneros textuais, em particular, o artigo de opinião, proporcionando aos alunos uma atividade epilinguística (de reflexão sobre a língua), pois, ao longo dos encontros/módulos, eles serão capazes de avaliar

sua própria prática discursiva de leitura e de escrita. Além do mais, questões de morfologia, sintaxe, ortografia e estilo também têm espaço nas atividades da proposta.

Através das leituras, discussões, das produções textuais e reescrituras pela proposta aqui apresentada, o professor se torna um agente que constrói com os alunos conhecimentos diversos, instigando-os a se tornarem cidadãos críticos e autônomos. Salientamos, então, a importância de despertar a curiosidade e o desejo dos jovens em conhecer e aprender informações novas, fazendo com que eles percebam que estão em constante processo de aprendizagens e de desenvolvimentos.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria de Fátima. **O desafio de ler e escrever na escola: experiências com formação docente**. João Pessoa: Ideia, 2013.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. 6. ed. São Paulo: Parábola, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- BRASIL. **Orientações curriculares para o ensino médio, v 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa: ensino médio**. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999.
- \_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa: ensino fundamental**. Parte II: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1997.
- COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- DELL'ISOLA, Regina Lúcia P. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2005.
- DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e para o escrito: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro]. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.
- GANDIN, Danilo; CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. **Planejamento na sala de aula**. 13. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- LEAL, Regina Barros. Planejamento de ensino: peculiaridades significativas. In. **Revista Iberoamericana de educación**. Disponível em <http://www.difdo.diren.prograd.ufu.br/Documentos/Texto1-Planejamento-de-ensino.pdf> Acesso em 26/01/2015.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- REINALDO, Maria Augusta Reinaldo. Comando de produção de textos como objeto de ensino e aprendizagem na formação continuada. In.: SIGNORINI, Inês. (Org.). **Significados**

**da inovação no ensino de língua portuguesa e na formação de professores.** Campinas - SP: Mercado de Letras, 2007, p. 171-196.

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática.** São Paulo: Parábola, 2010.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

PORTO, Márcia. **Um diálogo entre os gêneros textuais.** Curitiba: Aymará, 2009.

# APÊNDICES

## Apêndice 1

### O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

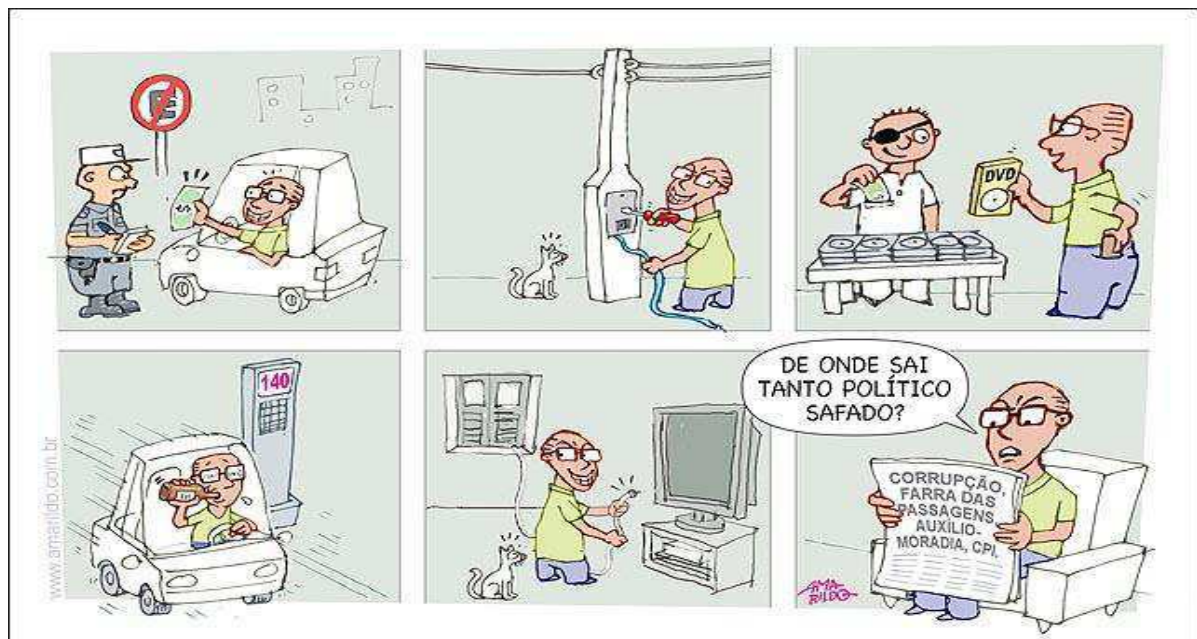
Professora: Martha de Lima Silva Gregório

1. Leia as charges a seguir.



Disponível em: <http://brainly.com.br/tarefa/154855>

Acesso em 01/03/2015



Disponível em: <https://amarildocharge.files.wordpress.com/2011/10/o-brasileiro-e-a-corrupcao-by-amarildo.jpg>

Acesso em 01/03/2015





Disponível em: <http://www.r2cpres.com.br/v1/2011/10/30/charges-sobre-a-corrupcao/>

Acesso em 01/03/2015

## Apêndice 2

### O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Professora: Martha de Lima Silva Gregório

1. Leia a reportagem abaixo.

#### CÂMARA VAI BANCAR PASSAGENS PARA MULHER DE DEPUTADO

Mesa Diretora aprova liberação de verba pública para transporte de cônjuge de parlamentar. A medida, que derruba restrição imposta após a farra das passagens, foi compromisso de campanha de Eduardo Cunha.

POR EDSON SARDINHA E WILSON LIMA | 25/02/2015 15:46



Zeca Ribeiro/Ag. Câmara

*Eduardo Cunha atendeu a pedido de mulheres de deputados, feito durante sua campanha à presidência da Câmara*

A Mesa Diretora da Câmara resolveu, nesta quarta-feira (25), liberar o uso de dinheiro público para transportar os cônjuges de deputados e deputadas entre suas cidades de origem e Brasília. Com a decisão, mulheres e maridos de parlamentares poderão utilizar a cota de passagens aéreas da Casa, restrita desde 2009 a deputados e assessores em viagens decorrentes do exercício do mandato. A medida foi tomada, na época, para acabar com a chamada **farra das passagens aéreas**, revelada pelo **Congresso em Foco**.

A liberação da verba para familiares foi reivindicada por um grupo de esposas de deputados durante a campanha de Eduardo Cunha (PMDB-RJ). Em encontro promovido pela ex-deputada Nilda Gondim (PMDB-PB), em João Pessoa, ele ouviu o pedido e se comprometeu a levar a proposta adiante. Eduardo Cunha se elegeu presidente da Câmara com 267 votos. Dos titulares da Mesa, apenas a terceira e o quarto-secretários, Mara Gabrilli (PSDB-SP) e Alex Canziani (PTB-PR), votaram contra a mudança. Suplentes, Luiza Erundina (PSB-SP) e Mandetta (DEM-MS) também se posicionaram contra a medida, apoiada pelos demais integrantes do colegiado.

O compromisso assumido por Eduardo Cunha vai ser bancado pelos cofres públicos. O peemedebista alega que o impacto será nulo, porque não haverá aumento no valor do benefício, que varia de estado para estado. Mas parlamentares que não utilizam toda a verba a que tem direito ao longo de um mês poderão utilizar as sobras com o transporte do cônjuge.

Na última legislatura, que se estendeu de fevereiro de 2011 a janeiro de 2015, a Câmara gastou mais de R\$ 131 milhões apenas com as passagens aéreas dos deputados por meio da Cota para o Exercício da Atividade Parlamentar (CEAP), o chamado cotão.

Os gastos com passagens aéreas compõem a segunda maior despesa do cotão na legislatura passada, atrás apenas da divulgação do mandato, que consumiu mais de R\$ 135 milhões. Nos últimos quatro anos, a CEAP sugou mais de R\$ 671 milhões, como mostrou a **Revista Congresso em Foco**.

Disponível em: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/camara-vai-bancar-passagens-para-mulher-de-deputado/>

Acesso em 01/03/2015

### Apêndice 3

## O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Professora: Martha de Lima Silva Gregório

1. Leia o texto a seguir.

### SOMOS TODOS CORRUPTOS

**LETÍCIA DUARTE: Jornalista, repórter de ZH. Em 10 de Fevereiro de 2015.**

**leticia.duarte@zerohora.com.br**

Ultimamente esses bordões viraram moda. Do “Somos todos macacos” \_ abraçado pela massa como resposta a atos racistas e no dia seguinte rejeitado, quando se descobriu que o refrão estampado em camisetas era uma estratégia de marketing \_ ao “Somos todos Charlie” \_ repetido até por gente que nunca sequer viu uma das caricaturas da revista francesa atacada pelo terrorismo, mas que apoia a liberdade de expressão.

Acho que está na hora de lançar um novo slogan, que ainda não vi ninguém empunhar: “Somos todos corruptos”. No país em que pipocam escândalos de corrupção (qual foi o dos últimos 15 minutos?), a lista dos envolvidos parece não ter fim. Aí vem a patrulha denunciando a petrorroubalheira, tudo culpa dos “petralhas”. Depois vem a turma petista, gritando que tudo começou muito antes na história deste país, e que atravessa toda a “tucanilha”. Aí as duas turmas ficam digladiando-se sobre as cinzas de sua credibilidade: ah, o meu mensalão foi menor do que o teu! Eu só desviei R\$ 14 milhões para um aeroportozinho familiar, você levou US\$ 50 milhões de propina para a Suíça!

Pode até ser que todos tenham razão. Que todos sejam julgados e, os que merecem, condenados. É a lei. Só que o furo é bem mais embaixo (deve andar lá pelas últimas camadas do pré-sal). A corrupção é tão disseminada, que deveria ser tombada como patrimônio nacional. É fácil apontar o dedo para políticos desonestos, mas quem foi mesmo que os colocou lá como nossos representantes? E aqueles empreiteiros, que pagam propina em troca de obras, são mais ou menos culpados? E os médicos que fazem cirurgias desnecessárias para ganhar comissões? E você aí, que naquela viagem da firma coloca uma nota de táxi num valor mais alto, para receber um troquinho a mais? E quem sonega imposto de renda? E eu, que baixo filmes da internet? Quem nunca? Quem de nós resistiria a uma investigação com lupa?

Claro, alguém vai dizer que não se pode comparar, porque as proporções de dano público são muito diferentes. Mas será que não é por meio desses pequenos desvios que a cultura da corrupção se reproduz, se instala e se incrusta na nossa sociedade? De tão desacreditados no sistema, cada um tenta fazer valer a sua própria vantagem. Quanto maior o poder, maior o naco abocanhado. Qual a distância que separa o jeitinho do próximo escândalo nacional?

Precisamos aceitar essa constrangedora verdade. Os políticos corruptos não são ETs perversos que chegaram e se apoderaram das nossas instâncias superiores. São legítimos representantes da ética em nossa sociedade. Vamos lá, pessoal, chega de hipocrisia. Somos todos corruptos. Quem vai fazer a camiseta?

Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2015/02/10/artigo-somos-todos-corruptos/>

**Acesso em 01/03/2015**

## Apêndice 4

### O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Professora: Martha de Lima Silva Gregório**

2. Leia o texto a seguir.

#### AFINAL, POR QUE HÁ TANTA CORRUPÇÃO NO BRASIL?

Por **Fabio Ostermann** em **09/05/2014**



Entram governos, saem governos, e uma variável insiste em persistir no cenário político brasileiro: a corrupção. A impressionante recorrência de escândalos envolvendo malversação de recursos públicos leva à questão: por que há tanta corrupção no Brasil?

Há, na certa, muitos fatores. Mas é importante entender, em primeiro lugar, que o brasileiro não nasce corrupto. A corrupção no Brasil é fruto das nossas instituições, moldadas por séculos de tradição ibérica, patrimonialista e cartorialista, onde o público se confunde desde as entranhas com o privado. Somos a república dos cartórios, dos alvarás, das concessões e, sem surpresa, do jeitinho. Criam-se dificuldades para, logo em seguida, oferecerem-se facilidades devidamente comissionadas ao agente público que presta o serviço, claro.

Adicionalmente, vemos em curso no país o desenvolvimento de um perigoso “capitalismo de compadres”. Torna-se cada vez mais rentável para uma empresa o investimento em “empreendedorismo político” e o atendimento às demandas de agentes públicos – em contraposição ao empreendedorismo de mercado, buscando a inovação e o atendimento às necessidades do consumidor. Quando tarefas tão prosaicas e, ao mesmo tempo, tão vitais ao crescimento e desenvolvimento do país, como a abertura de um negócio,

a obtenção de uma licença ou o pagamento de tributos tornam-se tão complexas, é natural, e até instintivo, que os agentes busquem maneiras de contornar tais obstáculos. Acaba se tornando uma questão de sobrevivência em muitos casos. Some-se a isso a falta de uma cultura de transparência e prestação de contas por parte dos poderes públicos e um sistema penal leniente e temos um terreno fértil para a corrupção em suas diversas formas.

Sair desta lógica demanda a redução da participação estatal na sociedade. É necessário que o governo limite sua atuação a algumas poucas áreas (segurança, educação, saúde e infraestrutura básica), deixando o resto à iniciativa privada. Mundo afora, a correlação entre grau de intervenção do Estado na economia e os índices de corrupção é inequívoca. É também uma questão de bom senso: quanto maior a participação do Estado na economia e a autoridade conferida a seus agentes, maiores são as oportunidades de corrupção.

A iniciativa para uma mudança de tal profundidade não partirá de nossa classe política, zelosa em manter seus poderes e privilégios. Mas políticos também são indivíduos racionais que respondem a incentivos. Cabe, portanto, à sociedade brasileira dar-lhes o sinal por meio das instituições democráticas: queremos mais liberdade e menos Estado em nossas vidas. Somente assim nos livraremos da chaga da corrupção, que corrói diariamente nossas instituições e trava nosso desenvolvimento.

Disponível em: <http://www.institutoliberal.org.br/blog/afinal-por-que-ha-tanta-corrupcao-brasil/>

**Acesso em 01/03/2015**

## Apêndice 5

### O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Professora: Martha de Lima Silva Gregório**

1. Leia o texto abaixo.

#### **A CORRUPÇÃO NO BRASIL TAMBÉM É BANCADA POR NÓS!**

*Por Mauricio Alvarez da Silva\*, em 28 de março de 2013.*

Estamos novamente em meio a um turbilhão de escândalos públicos, o que tem sido uma situação constante desde a época em que éramos uma simples colônia. Como diz o adágio popular vivemos na “casa da mãe Joana”.

No entanto, a questão da corrupção no Brasil é muito mais profunda. Acredito que apenas uma pequena parte dos casos seja descoberta e venha a público. Imagino que grande parcela fique escondida nas entranhas públicas. Temos a corrupção política, a corrupção de servidores e de cidadãos desonestos. A corrupção sempre tem dois lados, um corrompendo e outro sendo corrompido.

É nítido que a máquina pública está comprometida. Desde criança escutamos falar sobre a tal da corrupção, agora vemos, todo dia, ao vivo e a cores na TV.

Na esfera política houve e há muito apadrinhamento para se obter a dita governabilidade. Não importa os interesses da sociedade, desde que os interesses pessoais e partidários sejam atendidos, com isso vem a briga pela distribuição de cargos públicos, comissionamentos e outras benesses. Isto ocorre em todos os níveis de governo (municipal, estadual e federal), afinal é preciso acomodar todos os camaradas.

O exemplo mais recente da corrupção política em nosso país é o escândalo do mensalão, que teve início em 2005 (sete anos atrás!) e somente agora está tendo um desfecho. No âmbito administrativo temos um carnaval de queixas, denúncia e escândalos. Somente para citar alguns exemplos: a indústria de multas de trânsito em diversas cidades, desvio de verbas através de falsas ONGs, fiscais corruptos, licitações fraudulentas, entre tantas outras situações que podem preencher um livro.

Se pararmos para pensar, no final das contas, mesmo que inconscientemente, somos nós que financiamos toda essa corrupção. Os corruptos visam o dinheiro público, que em última análise é o seu dinheiro e o meu dinheiro, que disponibilizamos para a manutenção da sociedade.



Na medida em que os recursos destinados a financiar hospitais, escolas, saneamento básico e outras necessidades primárias são desviados, debaixo de nossos narizes, e não tomamos qualquer atitude, também temos nossa parcela de culpa, por uma simples questão de omissão.

Todo mês a arrecadação tributária bate recordes, o governo encosta os contribuintes na parede e suga a maior parcela dos seus recursos e tudo isso para quê? Para vermos que o nosso dinheiro está sendo desviado, utilizado para manter um gigantesco cabide de empregos, manter o inchaço da máquina pública ou aplicado em obras fúteis, enfim, uma grande parcela escoando pelo ralo.

A cada dois reais desviados ou desperdiçados é um litro de leite que está sendo tirado das crianças esfomeadas deste país!

Ao longo dos anos fomos vencidos pelo cansaço, nos tornamos um povo apático a tudo isto. Somos pacíficos, mas não precisamos ser omissos. Em outros países por questões muito menores o povo sai às ruas protestando e cobrando os seus direitos. Temos que limpar a administração dos maus políticos e servidores públicos que mancham nossa imagem, afinal carregamos a pecha de sermos uma sociedade corrupta.

Falta-nos esse poder de mobilização e indignação, afinal quem manda neste país é o povo brasileiro, sua vontade é soberana e cabe aos ocupantes dos cargos públicos nos representar e, sobretudo, nos respeitar.

A situação pode, sim, ser mudada. Desde que você e eu nos manifestemos abertamente, pois nossa manifestação, quando multiplicada, gerará a necessária mudança da opinião pública sobre o assunto. Sinta-se à vontade para utilizar ou compartilhar este artigo com seus amigos e colegas, e peça-os para manifestarem também em blogs, twitters e outros meios, enviando cópia para deputados, senadores e outras autoridades.

*\*Mauricio Alvarez da Silva é Contabilista atuante na área de auditoria independente há mais de 15 anos, com enfoque em controles internos, contabilidade e tributos, integra a equipe de colaboradores do Portal Tributário.*

Disponível em: <http://votarcomdemocracia.blogspot.com.br/2013/03/a-corrupcao-no-brasil-tambem-e-bancada.html>

**Acesso em 02/03/2015**

## Apêndice 6

### O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**Professora: Martha de Lima Silva Gregório**

1. Leia o artigo de opinião que se segue.

#### O QUE É CORRUPÇÃO? QUEM NÃO É CORRUPTO?

Publicado em 13 abril de 2009, por Atama Moriya

Esta visão sobre a corrupção merece uma análise mais profunda antes de a limitarmos a situações de corrupções acontecidas e circunscritas somente aos políticos. Aos senhores políticos. Acontece que os casos divulgados publicamente parecem se restringir apenas a malversações do dinheiro público, e mesmo porque as leis investem apenas nestas situações, porquanto as demais corrupções ainda não são previstas nos aspectos penais.

Conforme a sociedade evolui em função da evolução da consciência individual, certamente no futuro outros indivíduos que cometem corrupções que afetam a ética e a moral também poderão ser enquadrados nas leis criminais ou civis.

Afinal, o que é corrupção? Se buscarmos somente uma definição legal, ela simplesmente não atende ao conceito mais amplo das leis morais que governam os homens desde as leis mosaicas. Isto porque o próprio desenvolvimento da consciência mental do ser humano ainda necessita evoluir e muito, posto que se encontra em estados infantis mentalmente, embora que talvez tardiamente, entretanto, isto tende a ocorrer nas sociedades que mais evoluírem no sentido do equilíbrio econômico e social. Aliás, como temos visto em países menores, porém, com sociedades mais justas equitativamente. Caso especial podemos observar, por exemplo, no Japão, com uma população igualmente grande como a nossa, mas cujo povo convive com regras de ética e moral muito mais adiantadas e serve de exemplo aos demais.

Corrupção não é somente uma questão de comprar determinadas ações de outros, em malas pretas com dinheiro, para obter vantagens financeiras. Comprar os outros, ou comprar facilidades para obter vantagens é uma coisa muito velha nas sociedades. Ocorreu até com Judas por um punhado de moedas, ao que contam, embora não seja verdade, vamos utilizar apenas como exemplo de corrupção em tempos antigos.

Da mesma forma acontecia também com o povo de Moisés, e os quais eram punidos até com a morte. No Japão, desde a antiguidade, os corruptos, quando descobertos praticavam haraquiri.

Mas reside aqui a amplidão deste conceito. O corrupto nas sociedades mais antigas, não era somente o que se vendia por dinheiro, mas aquele que por uma fraqueza pessoal, um

desvio de caráter, e até mesmo por covardia, acabava por trair aqueles com os quais tinha feito votos de confiança.

O trair a confiança depositada também ocorre até mesmo em sociedades ou grupos criminosos, quando o então traidor é sumariamente julgado e condenado.

Veja que já passamos a configurar uma corrupção ou suborno a um ato de traição à confiança depositada, mas a definição para fins de configuração de atos que ferem as leis maiores ou princípios herméticos que governam o universo é muito maior que a que os homens conseguem compreender e enxergar neste momento evolutivo.

Na terra dos homens pequenos comete-se um crime conforme ele se configura nas suas leis criminais criadas pelos homens, ou por princípios de ética e moral comportamental que diferem entre si conforme as diferentes civilizações que se formaram ao longo do tempo. Está provado que quanto maiores foram as bases de conceitos filosóficos no sentido da ética e moral dos homens nas sociedades, maiores serão as chances daquela sociedade se sobressair perante as demais no sentido de existir uma sociedade mais justa e equilibrada para o Povo.

Nos países considerados do terceiro mundo, tais conceitos justamente são os mais primitivos se comparados com países do primeiro mundo, e certamente não por acaso que são do terceiro mundo. Há mais injustiça, há mais violência, há falta de valores maiores de ética e moral arraigados na cultura de seus povos.

Nos dias atuais torna-se sumamente importante questionarmos todos estes velhos conceitos e limitados pelas mentes dos homens do passado, posto que se tudo evolui, deve evoluir também a mente dos homens do futuro, o nosso, para conceitos mais amplos que dignificam verdadeiramente a real existência humana sobre a face da Terra, isto se acreditamos mesmo que estamos evoluindo e criando um mundo melhor para as nossas posteridades. Acaso que civilização desejamos deixar como herança aos nossos filhos e netos?

E francamente não podemos mais aceitar este nosso mundo atual com estes valores e estes modos de vida completamente falidos que gradualmente estão nos levando a um beco sem saída em todos os caminhos que seguimos. Estamos em crises de todos os tipos, econômicos, climáticos, incongruências sócias, filosofias, padrões comportamentais, vazios existenciais, fomes, guerras, drogas, violências fortuitas, homicídios em massa, etc.

Corrupção não é só se vender ou comprar alguém por um punhado de moedas, vai muito além.

E como um vírus mental, um desvio comportamental que existe em todo o homem da face da terra, ele se sobrepõe ao comportamento que seria correto em ética e moral das leis maiores.

Nesta fase do desenvolvimento humano, é uma espécie de egocentrismo que existe dentro de todos nós, entretanto, o existir dentro de todos, não significa que todos sucumbirão a ele.

É de se supor que no futuro, até por heranças genéticas este comportamento desvirtuado possa mesmo desaparecer nas gerações futuras, mas não hoje, e não ainda por

muito tempo. O homem só pode evoluir das trevas para a luz, daí porque ele deve conhecer todas as trevas que habitam dentro de si para então transformá-las em luz.

Corrupção humana, no conceito mais amplo é o resultado de uma ação de querer levar vantagem, de qualquer natureza, sobre os outros, e nem sempre envolve vantagens pecuniárias, sendo esta apenas um resultado desejado em alguns casos. Ela na verdade, pelo conceito esotérico abrange todo o impulso egocêntrico do ser humano em convívio com outros seres humanos.

O que é ser corrupto?

Ser corrupto é tudo que existe de negativo no comportamento atual do ser humano.

Ele quer ser o mais rico, o mais poderoso, o mais lindo, viver num paraíso, ter milhões de escravos, ser o melhor, o mais famoso, viver, curtir, ter tudo do bom e do melhor, e tudo isto sem ao menos se importar com os “outros”. Já comentamos este comportamento sobre “os outros” da ilha em diversos textos, e vemos que novamente tudo recai neste mesmo ponto.

Todo este desequilíbrio tem origem sempre no ser humano individualmente. Se ele crescer no sentido de se tornar um adulto e evoluir mentalmente juntamente com os demais, o mundo evoluirá e será mais justo e equilibrado em todos os sentidos.

Tais mudanças não são simples e dependem de um processo evolutivo nas culturas dentro das civilizações e não acontecer em poucos anos, mas lentamente em muitos e muitos séculos e milênios.

Restringir a corrupção apenas aqueles que ascendem a cargos públicos como os políticos ou governantes, é limitar demais os nossos próprios comportamentos, afinal, nos processos atuais o político é mais um alguém do Povo, como qualquer outro, por isto mesmo corrupto, ou mesmo sujeito aos desejos como qualquer outro indivíduo do Povo.

Somente deixará de existir corrupções ou mesmo diminuir quando também o Povo se tornar menos corrupto e assim dele surgirá seres mais éticos e morais que os atuais representantes.

Aqui no Brasil recebemos uma forte carga da “lei de Gerson”, um implante psíquico da década de setenta, dentre tantos outros implantes mentais que foram gerados por décadas neste país e que ajudaram a tornar tudo muito mais difícil neste país.

Então vemos pessoas que não se importam em furar filas, de explorar a natureza, de destruir as matas, de poluir a natureza, de explorar outros seres humanos em trabalhos escravos, de não se importar com a fome e miséria dos demais. Seres que não se importam com ninguém mais a não ser a si próprios como prioridades de vida, mesmo que isto signifique se dar bem, em qualquer circunstâncias, mesmo enganando os outros, vendendo ilusões, vendendo mentiras, criando falsos paradigmas de vidas, incentivando as iniquidades, a exploração comercial, vendendo modas falsas, pornografia, revistas de nus, psiquismos doentios, traficando drogas mentais e físicas, juntando cinquenta bilhões de dólares e querem mais e mais, enquanto bilhões passam fome. Governantes, políticos, ministros, juizes que estabelecem salários mínimos que são verdadeiramente mínimos e indignos à vida enquanto

eles próprios ganham centenas de vezes mais. Empresários que exploram os empregados embora possam melhor remunerá-los, empregados que enganam os seus patrões fingindo que trabalham ou praticam corrupções e subornos também ou mentem para faltarem ao trabalho. Pastores e Igrejas que exploram seus fiéis mais humildes. E a lista continua.

Este é o ser humano atual, um corrupto por natureza, natureza esta que existe para que ele se torne melhor, desde que saiba reconhecê-lo e não sucumba aos desejos da sua própria ignorância, sem saber quem é, por que existe, e qual o seu destino final. E tão ignorante é que não consegue procurar saber.

Reconhecer dentro de nós mesmos os fatores involutivos e suas manifestações e transformá-los em evolutivos através do autoconhecimento é o primeiro passo de nossas próprias transformações em direção à luz, de onde viemos e desejamos mesmo retornar o quanto antes.

Disponível em: <https://atamamoriya.wordpress.com/2009/04/13/o-que-e-corrupcao-quem-nao-e-corrupto/>

**Acesso em 01/03/2015**

## Apêndice 7

**O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA****Professora: Martha de Lima Silva Gregório****PROPOSTA DE PRODUÇÃO TEXTUAL****1 Agora é sua vez!**

Você deve lembrar que em uma produção textual é importante considerar os elementos orientadores da situação comunicativa (Para quem escreve? Para quê? Qual o veículo de circulação?). Sendo assim, a partir das discussões realizadas em sala de aula acerca da temática “**CORRUPÇÃO**”, levando em consideração os seus conhecimentos de mundo e com base na reflexão da charge apresentada abaixo, produza um **ARTIGO DE OPINIÃO** para uma revista de circulação nacional, de modo que você se posicione sobre o tema.

**OBS.:** O corpo do seu artigo deve ter no mínimo 20 linhas e no máximo 30.



Disponível em: <http://www.responsabilidadesocial.com/charge/pater/>

Acesso em 01/03/2015



## Apêndice 8

### O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO E O ENSINO CONTEMPORÂNEO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Professora: Martha de Lima Silva Gregório

#### ATIVIDADE DE REESCRITA

1. Considerando o texto como um processo inacabado, se faz necessária uma nova abordagem do mesmo, em busca de não apenas identificar e corrigir as “infrações” das normas gramaticais, mas, principalmente, de refletir sobre a importância dessas correções para o aperfeiçoamento do texto.

Neste momento, vocês terão a oportunidade de melhorar o seu texto e, a partir das observações apresentadas, tomar consciência de suas dificuldades e tentar superá-las, aprimorando sua linguagem. O ato de corrigir e reescrever deve ser percebido como algo essencial ao processo de produção e serve como um momento de retomada e uma nova oportunidade de aprender.

Não esqueçam: a reescrita se estabelece a partir do texto original, que, após ter sofrido uma reflexão sobre sua linguagem, estrutura e temática do gênero, se constrói um novo texto.

**OBS.:** Atendem para a **função social do texto**, a **situação comunicativa** e melhorem, principalmente, a **argumentação!!!**



Disponível em: <http://www.responsabilidadesocial.com/charge/pater/>

Acesso em 01/03/2015



